

Psicanálise e política dos corpos

Guias para uma prática

Renata Mendonça

Marcus André Vieira



SEMINÁRIO PSICANÁLISE E POLÍTICA

Coordenação:
Marcus André Vieira
e Renata Mendonça

TRANSMISSÃO HÍBRIDA:
Via Zoom + Presencial (EBP Rio)

INSCRIÇÕES ANUAIS:
Via formulário (Zoom e Presencial)

Para entrar na lista do Presencial,
inscrever-se a cada vez pelo e-mail:
inscricao-presencial@ebprio@gmail.com

21 MAR 20h

Espaço
sujeito
à lotação



 *Escola Brasileira
de Psicanálise*
Rio de Janeiro

Introdução

Uma análise trabalha por redução. Nossos dramas vão se decantando em cenas primordiais, elas articulam as fixações do que nos foi marcando ao longo da vida, constituem uma matriz que prevê os possíveis e os impossíveis do que somos e que Lacan chamou fantasia fundamental. A cada esquina da análise, nos aproximamos mais do que parece ser o centro nervoso de nossa existência, nunca o alcançamos, porém. Será sempre meio “de banda”, por pouco, de maneira indireta, porque, afinal, se é que temos uma essência, ela não tem como ser experimentada em si, já que só podemos viver o que quer que seja as lentes da fantasia.

Esse trabalho poderia ser infinito, pois sempre é possível reduzir mais um pouco, encontrar um fragmento de lembrança a mais, um novo detalhe. Por isso, a conclusão da análise passa, ao contrário, por uma desrealização da matriz fantasística e da ideia de um obscuro objeto do desejo em seu centro. A redução analítica permite-nos entrar em contato com o que da vida não é capturado por ela e segue nos excedendo indefinidamente. Só que, em vez de buscar encontrá-lo, podemos, em vez de desistir fazer outra coisa com ele, nos deixarmos surpreender por ele e mesmo se servir dele quando nos assombra. É o que Lacan chama “fazer com” esse gozo sem rima nem razão, gozo do *sinthoma*, tal como a ele se refere Lacan.

Desse percurso, se entreve uma abertura, uma maior possibilidade de viver cada encontro em sua contingência e surpresa. Não há, porém, contingência sem alguma regularidade, não há laço sem coesão. Lacan nos impele neste sentido ao propor igualmente tomar a conclusão de uma análise como “identificar-se com seu *sinthoma*”. É um claro paradoxo, pois como se identificar com o que não tem imagem ou forma fixa? É possível ser, como propunha Raul Seixas, uma metamorfose ambulante?

Esse seminário afirma que não. É preciso identificar-se, mas nesse caso, será bem mais identificar-se de outra maneira, por exemplo, lidar com seu corpo sem ignorar seus pontos de inconsistência, havendo-se com eles a seu modo, único. Afinal, o que seria uma vida que prescindisse do imaginário das particularidades e identidades mais ou menos estáveis?

A psicanálise está não na cidade da mesma maneira que nos tempos de Freud ou de Lacan. Não se encontra com as mesmas queixas, nem com os mesmos corpos. Como não ver que a cidade mudou? No Outro de nossos tempos, o patriarcado tem não tem mais o mesmo valor de referência universal. Explodem as tribos e as particularidades do tribalismo contemporâneo.

Como o inconsciente não é estático, como ler seu lugar e função nessa essa nova configuração da relação entre o Outro, o imaginário dos corpos e o real? Os três registros lacanianos têm função distinta, mas sem hierarquia alguma entre si. Como, então, ler a explosão de novas identidades, particularizadas ao infinito, sem banalizar ou reduzir a função do imaginário? Reconhecemos que se a cidade mudou, se o horizonte da época, nosso Outro mudou, então é preciso delimitar a que ponto a apresentação do inconsciente e configuração dos corpos mudou.

O que a psicanálise pode fazer? O essencial, para nós é partir do pressuposto de que apesar de estarmos em um contexto talvez mais refratário à suposição de saber isso não significa que há necessariamente rechaço do inconsciente, mas apenas que precisamos descobrir como trabalhar com ele em um novo horizonte.

Os casos clínicos, no fazer da clínica psicanalítica a partir do inconsciente de cada um, sempre orientaram o tratamento, sempre ensinaram aos psicanalistas. Como nos deixar ensinar na atualidade?

Podemos afirmar, na atualidade, vemos novos modos de civilização. Nossa proposta é tratar das civilizações sobreviventes e o modo como elas interrogam a psicanálise. Pretendemos partir dos guias existentes, passes e fragmentos de casos para sustentar essa investigação a que nos propomos, sobre o Imaginário e o Inconsciente hoje. Como ler os corpos que construíram seu inconsciente a partir de marcas que foram e são rechaçadas pelo mestre?

Além de acompanhar cada um até seu “fazer com”, trata-se, também, na cidade, de recolher as formas, os modos identitários, de onde partem os analisantes hoje para se virarem com o gozo opaco de seu sintoma. Aqui, mulheres, migrantes, indígenas, negros, trans, são guias, pois já que, raramente podem se dar ao luxo de se contentar com a suposição de saber em um mestre, pois, afinal, o que esse mestre quer mais é lhes eliminar. Como esses corpos não podem contar com a suposição de saber em um mestre, de qual inconsciente estamos falando neste caso? Estes que viveram e vivem às voltas com seu sintoma opaco podem ser guias sobre o inconsciente. Podem nos ensinar, se nos deixarmos ensinar, sobre o modo como uma ancestralidade se inscreve apenas em marcas marginais, ao próprio corpo, inclusive, pois pouca coisa visível escapava da ordenação e das formas imaginárias impostas pelo mestre colonial. De fato, os sujeitos do assujeitamento radical do racismo ambiente, por exemplo, foram levados de alguma forma a ter um corpo outro, pois as os modos corporais de gozo coletivo: comer, dormir, fazer amor, ter fé e ter filhos lhes era negado ao modo do seu coletivo, sua tribo, sua civilização diferente do mundo branco.

Podem, eles, ensinar como o inconsciente, como discurso do Outro, atravessa os corpos para além da cidade branca? Não ter opção a não ser compor com o opaco do corpo sem passar pelo saber do mestre é o que pode ocorrer igualmente com o analisante ao cabo de seu enfrentamento analítico com o destino. Podemos nos perguntar, também, como o corpo senhorial é atravessado pelo inconsciente. Será que este que quer eliminar o diferente sabe que não é um corpo? Como chegar ao *sinthoma*, ao gozo do Um-sozinho sem responder sobre si, sobre o corpo que tem? O corpo mestre, neste momento, se dá conta que é só mais um corpo, como escutar o inconsciente a partir desta ferida narcísica?

Seja qual for o caso, quando só resta do desejo o gozo de desejar, a vida como fome fundamental é que essa composição com o opaco do gozo pode fazer do corpo caixa de ressonância para o que da vida é mutante, quando pão e poesia ambos, tudo ao mesmo tempo agora, tornam-se a luta que vale.

Renata Mendonça
Marcus André Vieira

I. O imaginário dos corpos falantes

Marcus André: Bem-vindos, Recebi o convite para coordenar este seminário da EBP-Rio com alegria, mais que necessária, nesse momento, uma reflexão sobre as relações entre psicanálise e política. Minha decisão principal foi a de convidar alguém “de fora” da Seção, Renata Mendonça. Ela é psicanalista em Belo Horizonte, pesquisadora do coletivo Ocupação PSILACS-de UFMG e uma das responsáveis pelo Ateliê Psicanálise e Segregação da EBP seção Minas. Como se vê ela não é tão de fora assim. Fora do Rio, sim, mas não do nosso campo. Poderíamos dizer que ela é “êxtima”, mas esse termo vem fácil demais em nosso campo e é preciso sempre lembrar que a extimidade é uma prática e não uma posição fixa. Então, prefiro dizer de outro jeito. É muito bom que possamos ter uma discussão pautada por referências que nem sempre frequentamos na nossa comunidade, a da EBP/AMP, referências mais diretamente implicadas no tema da segregação. Aliás, segregação me parece suave demais para situar a desigualdade tão violenta de nosso país, por isso a referência à escravidão e ao racismo é essencial. Não dá para pensar em política em nossas terras de outro modo. Vamos lá?

Questões prévias ao que seria uma (ação) política da psicanálise

Marcus André Vieira

Em vez de tomar política e psicanálise como dadas e interrogar qual seria a melhor articulação entre elas, vamos perguntar: Qual política seria afim com o inconsciente?

Sim, porque de saída percebemos a dificuldade: a vida política, se entendida como vida dos cidadãos conscientes e votantes tende a estar em oposição à premissa do inconsciente. Dito de outro modo: o voto ignora o sujeito dividido. Precisamos de uma concepção de política bem mais vasta do que essa.

Então, a quem esperava que tomássemos a política representativa, ou a vida partidária, ou ainda lutas específicas como eixo, pedimos desculpas. Isso não significa que não devamos lutar contra o que ocorre, hoje, em nossos país, mas apenas que será preciso também, para que nossa ação seja mais efetivamente própria, perguntar: de que psicanálise estamos falando quando falamos em psicanálise e política?

Quanto a essa questão, já temos um bom desenho de resposta graças ao imenso trabalho de nossa comunidade. Eu diria: a psicanálise, da qual propomos uma política é aquela que assume que “O inconsciente é a política”. Nas consequências desse aforismo de Lacan em Baltimore, situa-se todo o trabalho de nossa comunidade no plano da política da psicanálise, por um lado, e de nosso lugar na política mais geral, da cidade, de outro.

Resumo muito grosseiramente uma das maneiras de entender essa fórmula: assumiremos que o espaço de vida e de circulação dos corpos em que nos inserimos, e que chamaremos a *cidade*, é estruturada como o aparato freudiano do ser. Quer o

chamemos, dependendo da tradução, anímico ou psíquico, ele é corporal e articula uma memória ilimitada, o cristal da língua, com o gozo que a ele escapa. Dito ainda de outra forma, agora de maneira mais lacaniana, a cidade será para nós um espaço estruturado de modo análogo às relações entre o Outro e o inconsciente, ao modo da também célebre fórmula de Lacan, em *Função e Campo...* “O inconsciente é o discurso do Outro”.

Como texto de base nesse sentido, propomos o excelente compilado de um grande número de referências, especialmente as de J. A. Miller ao tema “política lacaniana”, produzido por Anamáris Pinto a partir de um trabalho de cartel e que faremos circular, assim como todo o desenvolvimento de MH Brousse em suas conferências em São Paulo em torno do aforismo lacaniano “o inconsciente é a política” e que foi recentemente republicado pela EBP-SP juntamente com uma conferência recente.

É importante manter a questão em aberto da possibilidade de uma democracia não apenas definida pela noção de representatividade e do voto (por exemplo, a noção de *democracia radical* de Mouffe e Laclau). Afinal, tanto Hitler quanto outros foram eleitos em um sistema democrático (em um sentido mais restrito, claro). Destaca-se, também, como o enlace entre a promoção dos direitos humanos, da república (com a distinção entre os três poderes que a estruturam) e do estado constitucional de direito (tal como se desenvolveu especialmente após a segunda guerra) segue sendo a forma de democracia que se apresenta como mais favorável ao exercício de uma análise dadas a pluralidade e a liberdade de fala que há.

Destaco ainda a vinculação orgânica estabelecida por Lacan entre clínica, política e saber, em “A direção do tratamento”. É quando propõe a tripartição tática, estratégica e política - entre o trabalho na sessão, o da interpretação; o trabalho do tratamento (como uma sequência de sessões), na transferência, e o trabalho do analista em seu objetivo maior de incidir sobre a cidade, de seu desejo e do fazer com o *sinthoma*. Vamos subdividir nossos encontros seguindo essa tripartição. Resumo novamente de maneira grosseira esse nosso fundamento e remeto vocês ao trabalho de um curso no ano passado sobre o tema (<https://bit.ly/taticaestrategiaepolitica>).

Dado esse solo comum, vamos apenas acrescentar duas hipóteses que, esperamos, nos levarão a à investigação específica desse seminário.

1) A ideia de que, apesar da interpretação lacaniana ser essencialmente corte, hoje, é preciso além de “cortar”, não perder de vista de que modo se dá a costura, o laço, a partir da interpretação. Sabemos que o caminho analítico freudiano passa pela desidentificação, mas nada se sustenta sem novas identificações que ganhem em parte o lugar daquilo de que nos separamos. Assim entendemos o que Lacan chama de “identificar-se com seu *sinthoma*”, no Seminário 23.

2) A ideia que é preciso, para que a identificação em questão não seja a da tribalização geral, em curso em nossos tempos de ocaso do pai, que ela seja apoiada na noção, mesmo que vaga, do corpo falante, a ser contraposto ao corpo do espelho. Em vez de fundada na política nos egos, nossa política, a da cidade do inconsciente, se encarna no falante dos corpos. Aqui a referência é todo o trabalho do congresso da AMP de 2016 sob esse título

http://www.congressoamp2016.com/index_lang.php?url=/

Vejam que em ambas as hipóteses, estamos em cheio na dimensão do imaginário, um dos três registros fundamentais com os quais Lacan destrincha a experiência analítica. É

toda nossa ideia, a de acompanhar a reabilitação do imaginário empreendida por Lacan em seu último ensino, mas a partir de sua relação com o real e o simbólico, nos termos do seminário 23, a relação do que nos dá consistência corporal, não pode ser separada do que nos dá seus furos essenciais assim como a presença de um real que ao corpo existe.

Então propusemos esse desdobramento em quatro encontros, como segue. Para o primeiro, esse de hoje, dois fragmentos clínicos para nossa discussão. O do Passe de Marina Recalde, em que vemos como é possível separar-se de um destino de trabalho infernal associado à cor da pele pela interpretação, assim como um fragmento de Renata em que a cor da pele torna-se uma possibilidade de interpretação.

Des-cobrir um corpo

Renata Mendonça

Partiremos dos guias existentes, sejam eles, passes ou fragmentos de casos, para sustentar essa investigação que nos propomos sobre o Imaginário e o Inconsciente na contemporaneidade.

Já que a cidade mudou e, o inconsciente não é estático, já que ele está de acordo com nossa época; como ler o mesmo? Os três registros têm uma função distinta, mas, não são superiores entre si. Como, então, ler o Imaginário sem banalizá-lo, escutando o que é novo nesse registro?

Queremos avançar neste ponto, tendo essa hipótese do Imaginário e do Inconsciente, mas sem ficarmos presos a um saber antecipado. Qual hipótese? Que com a mudança na cidade há um outro Imaginário e um outro Inconsciente a ser escutado. Nesse sentido é necessário ler como os possíveis analisantes chegam a um analista. Quais significantes eles trazem, como acolher e escutar esses novos significantes marcados pela lógica da atualidade e deste novo Imaginário.

Estamos avisados da ética da psicanálise e deste caminho de uma desidentificação, mas, não sem uma nova identificação, um percurso para uma identificação ao *sinthoma*, que sustenta os laços e os novos laços sociais com seu corpo próprio, com seus furos como nos ensinam os passes.

Assim, na tentativa de aprender e nos deixarmos ensinar, trago um fragmento de um jovem que chega ao consultório pela segunda vez. Quando chegou pela primeira vez foi trazido pela mãe que o considerava ansioso diante dos estudos para o Enem, ele estava almejando uma vaga em um curso muito concorrido. No segundo momento ele vem por conta e risco, angustiado, pois, ao entrar no curso desejado, se depara com um grupo de colegas que não quer trabalhar com ele. Angustiado e sem entender o que se passa, pois, se considera um “cara bacana”, estudioso, que sabe lidar com as questões e é ponderado.

A analista, depois de tentar escutar algo que ele pudesse dizer sobre esses colegas que o colocasse a trabalhar, tenta esvaziar o grupo, dando lugar a um trabalho sozinho em que ser gente boa e bacana não precisava ter essa exigência de fazer parte ou ser aceito.

Ele, depois de um tempo, diz “não preciso ser tão gente boa” cuidar dos amigos, ajudar no trabalho e etc. Se separando da ideia de entrar nesse grupo que “não queria trabalhar com ele”. A partir deste momento começa a dizer dos estudos em sua vida. E de um sintoma “não esquecer nada”, os livros na estante e sua ordem, os números de telefone e etc.

Sobre os estudos: sempre gostou de estudar e o quarto era o melhor local, o lugar de ficar tranquilo, afirma que não gosta de brigas e nem discussões, que era um jeito de ficar longe disso quando as discussões aconteciam em casa. A mãe muito deprimida, o pai com pouco pulso, ficar estudando no quarto era um bom esconderijo.

Ao se deparar com esse “estudar como esconderijo” para se manter tranquilo, algo acontece e ele começa a esquecer ao invés de guardar as coisas: esquece as chaves, os horários, os telefones e a ordem dos livros deixa de ser interessante. A analista: “Para quem não podia esquecer nada, o que isso controlava?” Começa a se perguntar sobre esses lugares de controle, do ponderado, do estudioso e daquele que pode saber dos objetos, afirmando: “por mais que seja bom estudar não posso mais me esconder nisso”.

Em um final de semana ele sai com outros amigos, eles vão para um restaurante, vê pretos neste local, sente-se acolhido, conversa com eles e, na sessão de análise diz: “agora sei que sou preto”. Nesse recorte, a partir do encontro com os semelhantes, podemos afirmar a importância do imaginário para o ser falante, pois, ao se deparar com uma imagem especular forma ou antecipa a sua própria imagem. Neste caso quando ele entra no bar e é acolhido, ele se identifica, a partir do encontro com os pretos ele se nomeia: “Sou preto”.

A partir desta nomeação esse jovem apercebe-se, se dá conta, dos vários episódios racistas que viveu durante a sua vida desde a infância. Episódios que não eram lidos como racistas, mesmo que alguém o avisasse da violência sofrida. Um obsessivo sem cor ganha corpo (negro) como leu Marcus André Vieira.

Esse fragmento nos interessa porque nos ensina que estamos mergulhados em um racismo estrutural, mergulhados em um discurso, tal qual Freud mergulhado na era vitoriana, e que aqueles que estão assujeitados neste racismo estrutural, mergulhados neste discurso, muitas vezes não reconhecem o corpo que tem ou não sabem como lidar com ele, tentando um modo “ponderado” de ser, tentando se manter de acordo com o modo do mestre branco. Com isso ele faz amor, tem fé ou se dirige ao outro de um modo que não implica seu corpo, mas, o corpo do outro.

Esses sujeitos precisaram fazer uso do corpo do mestre para existirem e, muitas vezes, repelir o próprio corpo. Onde o Ideal do Eu não inclui os corpos pretos, o corpo trans... Pois o ideal é hetero, cisgênero, cristão, em que esse gozo é o orientador dos corpos. A necessidade do Deus único que possa normatizar o gozo. São estes sujeitos, fora do ideal preestabelecido do corpo mestre, que são os guias deste Seminário.

Podemos afirmar, a partir da experiência da psicanálise, que esse uso do corpo do mestre branco e cis, por exemplo, não é e não foi uma boa solução, pois, o inconsciente resiste e insiste, saber-se em outra situação, em outra posição diferente da do mestre, fez com que estes tivessem estratégias e sintomas que causaram um não lugar, um não pertencimento pra além do grupo, um não pertencimento ao próprio corpo. Uma posição melancólica diante da vida, Neuza Santos Souza no livro: “Tornar-se Negro” nos

mostra a tentativa de uma mudança de corpo a partir da ascensão social. Uma identificação com o corpo do mestre perdendo sua própria história e marcas, insígnias mais próximas de seus corpos.

Já que o inconsciente insiste e resiste a única resposta dada a esses sujeitos, até o momento, era de uma eliminação literal ou perda de seus lugares como sujeitos desejantes.

Podemos afirmar que avançar nesta questão e estar de acordo com a ética da psicanálise, uma ética que supõe a existência dos vários corpos e seus modos de gozo e, que não tem como objetivo a normatização dos corpos, mas, uma apropriação. Ter um corpo fazendo bom uso deste sem o rechaço ou a eliminação disto que pode estar presente em nossa época, pois a política da psicanálise é a política do inconsciente.

II. Interseccionalidades lacanianas



**SEMINÁRIO
PSICANÁLISE
E POLÍTICA**

Coordenação:
Marcus André Vieira
e Renata Mendonça

INTERSECCIONALIDADES
EM QUE MEDIDA O CORTE
INTERPRETATIVO PODE SER
ABERTURA A UM NOVO LAÇO?

Transmissão híbrida: Via Zoom + Presencial (EBP Rio)
INSCRIÇÕES ANUAIS: Via formulário (Zoom e Presencial)

Para entrar na lista do Presencial,
inscrever-se a cada vez pelo e-mail:
inscricao-presencial@ebprio@gmail.com

18^h às 20^h Espaço
sujeito
à lotação



Escola Brasileira
de Psicanálise
Rio de Janeiro

Premissas para uma política da psicanálise

Marcus André Vieira

Vamos examinar o lugar da interpretação analítica na cidade a partir de nossas premissas. Elas são tomadas de posição, definem em vez de problematizar. Isso para que a gente possa se apoiar nelas a fim de problematizar o que queremos, a possibilidade de uma ação política laciana.

- 1) Partiremos do aforismo “O inconsciente é o discurso do Outro”, no sentido em que a partir do discurso vigente, o inconsciente é aquilo que nesse discurso não cabe, que resta, em seus desvãos, como virtualidade de transformação em potencial.
- 2) Estar à altura da subjetividade da época supõe que as épocas mudam e que isso altera a estrutura do Outro, o que altera, assim, o modo de acesso e apresentação do inconsciente.

A essas premissas mais gerais, propomos adicionar duas:

- 3) Nossa época é marcada pelo declínio do Nome do Pai como estabilização universal do laço. Uma ruptura entre natureza e real (cf. J. A. Miller “A ordem simbólica no s. XXI”).
- 4) Um de seus efeitos é a *tribalização* generalizada (cf. Maffesoli), ou nos termos de Miller e Laurent, uma *Sociedade de sintomas* (no Curso “O Outro que não existe...”).

Queremos levar essa tribalização a sério. Em nosso primeiro encontro, assumimos a necessidade de sustentar-se em uma identidade e em um grupo como modo de localização subjetiva e mesmo de sobrevivência. Não tomamos esse movimento como o de um rechaço do inconsciente. Do mesmo modo, hoje, não assumiremos a posição cômoda de supor um rechaço do real, ou do inconsciente, e ou da singularidade quando parece imperativo partir de um grupo para entrar em relação com outro. Não apenas para que alguém possa se reconhecer pertencendo a algum grupo quando sua identidade de origem é apenas recusada pela cultura, mas também porque em muitos casos é preciso recusar-se a qualquer universal comum a todos os grupos, uma vez que o universal de referência (o do mestre em nossos termos, e o patriarcal ou colonial, nos termos vigentes) é um universal de extermínio com relação a determinados grupos.

Nosso modo de levar a sério essa recusa é o de não questioná-la, mas tentar pensar qual modo de estar no mundo essa recusa reflete. É tentar pensar *nesse* mundo e não apenas esse mundo. Por isso nosso tema de hoje, a interpretação no mundo das tribos, da seguinte forma:

- 5) Em um mundo tribalizado, a ideia de ruptura e de descontinuidade se vê alterada, veremos como. Neste caso, nossa interpretação, marcadamente aproximada do corte e da ruptura por Lacan, muda de figura também.
- 6) Como? Será nossa discussão a partir do tema da interseccionalidade.

O inconsciente e o Outro

Renata Mendonça

Existem mudanças em nossa época, a psicanálise não encontra a cidade da mesma maneira, nem com as mesmas queixas, nem com os mesmos corpos. O que a psicanálise pode fazer, como ler o que é novo no inconsciente atual?

A inconsistência do Outro, a pluralização dos nomes do pai não é sem consequência, sem efeitos sobre os corpos dos sujeitos, sobre a cidade. Ao lidarmos com essa inconsistência verificamos o efeito sobre a cidade. O que podemos ler sobre ela, sobre esse Outro?

Reconhecemos que se a cidade não é a mesma, se o horizonte da época, nosso Outro mudou, então é preciso delimitar a que ponto a apresentação do inconsciente e configuração dos corpos também mudou.

O essencial, para nós é partir do pressuposto de que apesar de estarmos em um contexto talvez mais refratário à suposição de saber isso não significa que há necessariamente rechaço do inconsciente, mas apenas que precisamos descobrir como trabalhar com ele em um novo horizonte.

Com isso, nenhuma resposta faz um semblante de universal, os predicados fálicos não deixaram de existir, mas, estão falidos e nenhum termo responde ao mestre neste momento.

Então, há uma nova leitura dos corpos a partir do identitarismo, da decolonização, da interseccionalidade que mostra a diferença entre as tribos, do feminismo e suas nuances, perguntas e alterações que automaticamente nos fazem questionar o novo

lugar do homem e do novo Imaginário. Para lermos os nossos guias vamos investigar a interseccionalidade, as questões identitárias, a decolonização, pois, estes sujeitos precisam ser lidos contando com esse novo da cidade, só desta forma, atentos ao que nossos guias nos ensinam que podemos escutar o que há de diferente em nossa época.

Isso não significa de modo algum perdermos os referenciais necessários e fundamentais para a escuta do inconsciente a partir do desejo do analista, mas, dar lugar para o novo que acomete a cidade pode fazer com que o analista acolha o sofrimento de cada sujeito sabendo da diferença entre os corpos.

Assim, a particularidade das tribos precisa ser levada a sério por aqueles que escutam e podem ler os sujeitos e a cidade e, por aqueles que vivem ou se reconhecem nestas tribos, pois, se não levarem a sério o lugar que estão podem, inclusive, morrer.

A psicanálise pode escutar o que se segrega, a racialização e os modos de gozo das tribos, essa nova escuta, esse “levar a sério” pode revitalizar a escuta psicanalítica. Sem o saudosismo do patriarcado que pode levar, também, à morte.

Assim, vemos a discussão sobre o feminismo das mulheres negras e das mulheres brancas, mostrando-nos que devemos manter a lógica do um a um, do caso a caso, mas, lendo o que pode ser uma mulher negra ou mulher branca na cidade.

Como, nesse encontro, estamos às voltas com o Outro da cidade, essa cidade que muda e nos faz pensar em ler o Imaginário de uma outra maneira, trouxemos alguns exemplos sobre o modo em que as tribos, ou os coletivos se organizam numa radicalidade específica sobre o seu próprio corpo, não com uma unanimidade, já que, nenhum coletivo é marcado pelo (um) universal, mas, com suas identificações, pois, os únicos a quererem resgatar esses predicados universais são aqueles que possuem o corpo do mestre.

Interseccionalidade

Nesse mundo das tribos, qual o efeito de interpretação? Já que a interpretação é sempre um corte, separa o S1 do S2. Qual o S1 que podemos cortar?

Na atualidade onde vemos o sujeito como consumidor e consumido, consumidor e objeto do capitalismo, podemos afirmar que estamos mais próximos de uma teoria lacaniana da costura que do corte, uma função, então, mais de rearranjo que de corte.

Com isso, pensamos em nos utilizar do conceito de *Interseccionalidade*, um conceito criado pelo feminismo em que afirma que é preciso interpretar as condições das mulheres, a que elas são subordinadas, incluindo os vários atravessamentos políticos, sociais, capitalistas, em que esse conceito nos mostra as diferentes formas de submissão e inclusão das tribos na cidade.

A Interseccionalidade é:

...uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSCHAM, 2002, p.177) <https://youtu.be/V53kxyvkP30>

ou

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma).

O tapa e o nome

1) O tapa que não corta

Para lermos o que vem acontecendo, por onde circulam os corpos e o gozo na cidade, trouxemos dois exemplos. Estes fragmentos podem transmitir a importância das tribos e, aquilo que se compartimentou impossibilitando que o trabalho entre as tribos possa acontecer ou se acontece não é sem as dificuldades, não só a da linguagem, do mal-entendido, mas, pela diferença, os diferentes modos de estarem no mundo e do modo como gozam.

Em relação aos coletivos e suas diferenças algo ficou evidente na cidade no último Oscar. O acontecimento inesperado foi o ator Will Smith bater no rosto do comediante Chris Rock quando esse faz uma piada sobre a mulher de Smith que sofre de Alopecia. Uma doença que causa “a perda de cabelo em áreas em que normalmente ele deveria crescer. É um problema que acomete homens e mulheres, podendo ser causado por influências genéticas, processos inflamatórios locais ou doenças sistêmicas” <http://hospitalsaomatheus.com.br/blog/voce-sabe-o-que-e-alopecia/> O que nos interessa neste fato é a reação das feministas. Nos mostrando evidentemente a diferença entre as tribos ou entre os coletivos, como nos avisou Lélia Gonzalez e Ângela Davis, há uma diferença entre a militância das mulheres negras e das mulheres brancas.

Coloco aqui a frase do Instagram de Marcia Tiburi: “entre quem deu o soco e quem levou o soco está a mulher vítima da brincadeira cretina. O soco escancara a misoginia consensual que sustenta o machismo, a saber, que uma mulher pode ser tanto objeto de brincadeira quanto de desforra. Jada Pinkett-Smith é a questão” Não vou colocar os vários comentários feitos a essa frase, mas, vou incluir aqui a posição de Djamila Ribeiro, para demonstrar a diferença das tribos, ela afirma:

Mulheres negras NUNCA foram vistas como donzela frágil, a construção do feminino negro é distinta” e cita Sueli Carneiro em “Enegrecendo o Feminismo”: “Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas.... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (...) “fácil julgar Will Smith. Difícil é olhar no espelho e enxergar o próprio racismo, difícil é admitir porque incomoda tanto ver uma mulher negra sendo defendida.

Claro que não estamos aqui defendendo ou não a posição do Senhor Smith, mas, esse acontecimento nos mostra de forma evidente a diferença entre as tribos, a diferença

entre os coletivos, o que é novo, em que o universal, uma identificação, está em cada tribo, de forma frágil, mas, não sem consequência.

2) O nome que corta

O segundo exemplo é de um Quilombo em Belo Horizonte, o coletivo Ocupação está a trabalhar fazendo conversações neste Quilombo desde 2020. O que trago aqui é uma história que antecede a entrada da conversação e do Ocupação, mas, foi escutado por ele. Esse aglomerado de pessoas, essa comunidade, está instalada, existe em um bairro considerado nobre, importante de BH e, antes da pandemia, estas pessoas foram convidadas a saírem de suas casas, com propostas financeiras, com ameaças, violências veladas e não veladas inclusive do Estado. Essas pessoas se uniram, pois, entendiam que as casas tinham uma história importante. Elas afirmam “sempre moramos aqui”, gerações e gerações: filhos, mães, pais, avós e bisavós.

Ao se perguntarem sobre como lutar pelos seus direitos, ao investigarem como seus ancestrais chegaram, se instalaram e construíram seus lugares, perceberam a partir de documentos, que eles são um Quilombo. Com essa formalização, nasce um novo modo de nomeação e laço social. Os sujeitos ali se localizam simbolicamente de uma nova maneira. Apesar do trauma da violência, apoiada pelo estado de vigilância policial, ter produzido modos próprios de sofrimento, o nome quilombola ressoa no corpo. Esses sujeitos passaram a ter direito àquilo que já era deles, ocuparam um novo lugar na cidade, com muitas dificuldades, inclusive racistas, mas, fazem parte, lutam diariamente com as questões internas do Quilombo, as questões de cada sujeito e pela sobrevivência deste modo de vida.

Com isso, podemos afirmar, que é preciso levar a sério a sua tribo, pois, não dar ouvidos, não levar a sério, pode inclusive te matar. Quando vemos o exemplo do quilombo podemos afirmar que não escutar essas tribos levando a sério suas dificuldades, pode excluir os psicanalistas desta nova existência, do que é novo na subjetividade de sua época.

Corte e costura

O tema da interseccionalidade fala de um dos efeitos do abalo sofrido pelo universal patriarcal, pelo nome do pai como elemento transcultural. A isso responde o que chamamos rapidamente de tribalização do mundo (cf. Maffesoli).

Em outra ênfase, Miller e Laurent já descreviam esse processo como a da uma “sociedade do sintoma” em “O Outro que não existe...”, entendendo que cada tribo se definia por um aspecto sintomático que se tornava identitário (como por exemplo, Mulheres que Amam Demais). Um traço passa a identificar uma comunidade e as comunidades entre si, se tem que se ou não buscando a vida coletiva agora sem universal comum de referência. É o que J. C. Milner chamou de “universal fraco”.

Nós, aqui, porém, não partimos dessa constatação como se isso fosse o problema. Partimos dessa cidade fragmentada como um dado, para investigar, nesse cenário, o que é a interpretação. Assumimos, por exemplo, no primeiro encontro a necessidade de

partir de um particular, o pertencimento a uma tribo, por exemplo, sem questionar, sem querer desidentificar para que a experiência do inconsciente se dê. Não é o caminho clássico de uma análise. Com o tema da interseccionalidade queremos discutir agora a noção de corte.

Corte é caro ao psicanalista, especialmente com Lacan. Corte é a ruptura que o material inconsciente realiza com relação à consciência quando se apresenta. Se é inconsciente é porque foi recalcado e se foi recalcado é porque faria ruptura com o tecido do eu (a gente diz rapidamente que ele “fura” a consciência).

Em outro plano, econômico, podemos dizer que a experiência do inconsciente é a de um material que se apresenta na consciente composto de um tanto de libido que até então estava investida nas representações inconscientes e que agora se apresenta na consciência como um “a mais”, um excesso sem corpo, uma carga, que vem perturbar o corpo identitário. Esse excesso também pode ser corte.

É o básico da teoria freudiana e segue valendo. Porém, na situação clássica, parte-se de uma consciência relativamente estável por se situar a partir de uma referência comum, o universal da tradição, por exemplo: “sou assim, porque sempre foi assim”.

No mundo das tribos como isto fica? Ligeiramente diferente. Algo como “sou assim porque minha gente é assim”. Desta forma, cada uma das tribos precisa contar com meus hábitos e rituais próprios para se situar, mas as tribos entre si perdem um universal comum e tendem a uma guerra ou tensão generalizada.

No mundo paterno, o que não se sabe e surpreende pode ficar em cena como alguma coisa a ser sabida, um enigma, porque pode-se acreditar que alguém em algum lugar (O pai) saberá entender, explicar. É isso a suposição de saber, um furo. São essas também as zonas erógenas, furos no conhecido do corpo e até por isso mesmo, mais interessantes.

Quando não há a crença na tradição, paterna, que funciona como um vazio estruturante a tendência é a fragmentação. Tanto dos grupos, em tribos, quanto dos corpos, em várias partes que podem ser remodeladas e recosturadas como se queira. O excesso, não mais enigma, tende a se apresentar como angústia, ou ser lançado para fora, como gozo do Outro, tornado inimigo.

É nesse contexto que surge o conceito de interseccionalidade. Ele vem justamente compor buscar a composição, um laço, entre coisas que tendem a ficar separadas por parte de quem as vive.

Vale a contraposição com a fragmentação da clínica psiquiátrica realizada pelas edições progressivas do DSM, assim como a solução encontrada pelos psiquiatras para o tema da costura. Ali também a multiplicação de doenças em síndromes gerou um esquitejamento. A histeria, por exemplo, foi implodida em “transtornos somatoformes”, “transtornos dissociativos” e outros tantos quadros tidos como “transtornos idiopáticos”.

Mas para dar conta da fragmentação excessiva, cria-se uma nova noção que passa a fazer muito sucesso, a de *comorbidade*. Como por milagre, muitas doenças parecem agora vir juntas, como depressão e alcoolismo, por exemplo.

No plano dos estudos raciais, em que se pensam mais nas pessoas que nas raças, vamos encontrar outra coisa fazendo às vezes de costura no plano conceitual, a interseccionalidade. (Não é à toa que Angela Davis considera que Lelia Gonzalez sempre trabalhou neste plano, mesmo sem o conceito, é que ela justamente tinha como referência a pessoa). A interseccionalidade parte do corte do tribalismo, mas ela é costura, pois afirma que a separação pode ser eventual, local ou estratégica, mas nunca absoluta. Não se pode pensar a mulher, no Brasil, por exemplo, sem pensar a mulher negra.

O corte da interpretação

E nós, analistas? Como fica nosso corte interpretativo? Nosso corte é entre S1 e S2. Entre uma cadeia de pensamento e a cadeia de experiência de um corpo continuidade de vida e o que ele vem como de sua própria vida, mas isto interiorizado pelo recalque escondido gravado pelo recalque.

Só que o resultado nunca foi o de cindir um texto, ou um corpo de saber, em dois.

Primeiramente, trata-se de cortar uma cadeia, consciente, trazendo uma terceira que é apenas representação e carga, não tem corpo, é um pensamento sem persona. Nós é que atribuímos a ele uma identidade, dizendo que é a criança em nós falando, por exemplo. Só que isso ocorre já quando essa cadeia de pensamento ingressou na consciência, trazendo com ela cenas e outras lembranças que vão compor o personagem.

Então o corte que conta não é como o inconsciente separa em um pai o *good cop* e *bad cop*, por exemplo, ou entre anjo e diabo, mas sim, como o diabo, trazido à tona, rompe a cadeia da consciência e permite novas composições.

O corte entre S1 S2 introduz uma nova cadeia, mas sobretudo uma presença sem corpo, a presença de uma ausência, a de um excesso libidinal. Ele pode, inclusive, ganhar uma nomeação nova, como foi o caso do termo *Quilombo*. Por isso Lacan indica que o discurso analítico produzir um S1, ou visa a produção de um S de A barrado.

É o caso na ocupação. Surge um significante, Quilombo, que em si não vem com uma cadeia de pensamento inconsciente pronta. No início ele remete, claro, aos quilombos históricos, mas não apenas, sobretudo não se sabe bem o que ele quer dizer ali naquela situação, mas por isso mesmo vem nomear o vivo da comunidade, a libido que mantém todos unidos.

Ele é um significante vazio nos termos de Mouffe e Laclau. Vazio de sentido, entenda-se, não vazio de vida, ao contrário, é cheio de vida. Vazio de significado prévio. E é em torno desse significante vazio que vão se entrelaçar as mais variadas experiências de *Aquilombamento*, que podem agora até tornarem-se verbo e não apenas substantivo. Surge a possibilidade de aquilombar-se.

Esse me parece ser o corte da interpretação psicanalítica, que como vemos continua valendo e que, talvez, tenha todo seu valor em situações mais coletivas. Lembrando que quem interpreta não é o analista, um analista apenas guarda um lugar para o excesso, o sem-sentido, ele convoca o inconsciente e garante um espaço para o sem-sentido, o

tempo necessário para aquilo que não tem sentido venha e possa, por seu efeito, ganhar lugar e ser nomeado.

É bem verdade que um saber será construído a parti dali. *Quilombo* aos poucos vai ganhando significações estáveis, o que pode levar à um coletivo por demais estabilizado, uma tribo espacialmente rígida, mas isso pode também levar a uma nova ruptura ou propiciar uma nova interpretação, por um novo significante vazio que venha instaurar uma descontinuidade e respiração.

III. Quando o mestre mata



**SEMINÁRIO
PSICANÁLISE
E POLÍTICA**

Coordenação:
Marcus André Vieira
e Renata Mendonça

"Quando o mestre mata": Além de acompanhar cada analisante, trata-se, também, na cidade, de recolher as formas, os modos identitários de onde partem os analisantes hoje para se virarem com o gozo opaco de sua singularidade. Aqui, mulheres, migrantes, indígenas, negros, trans, são guias, pois raramente podem se dar ao luxo da suposição de saber em um mestre (afinal, o que o mestre quer mais é lhes eliminar).

INSCRIÇÃO ANUAL: Via formulário

30 MAI 20h

Espaço
sujeito
à lotação



Escola Brasileira
de Psicanálise
Rio de Janeiro

Imagem: Instagram @domitilade paulo

Queremos investigar o que seria a função do Imaginário na política. Lembramos que, para Lacan, o imaginário é o registro do que há de mais concreto em uma análise, a consistência do corpo. Nesse sentido, deslocamos ligeiramente o foco. Não estaremos centrados no que há de negatividade nos conceitos que nos orientam: sujeito, *sinthoma*, singularidade, desidentificação, por exemplo. Buscaremos o modo como eles se articulam com o imaginário do corpo.

Faz sentido porque o espírito da época não é de negatividade. A subjetividade da época é intoxicada e intoxicante, é do excesso e não da falta. A ideia é acolher essa concretude, essa onipresença do imaginário, às vezes de modo bem rígido sem, entretanto, supor que ele seria necessariamente inviável para a clínica analítica.

É pensar (e clinicar) *nesse* mundo e não pensar (e clinicar) *esse* mundo.

Nos termos de Lacan com relação aos três registros no *Seminário 23* (referidos ao nó borromeano), nossa aposta é a de pensar o imaginário não como excludente com relação ao simbólico e ao real. Ao contrário, examinar o modo como a consistência (imaginário) do corpo e dos coletivos hoje pode dar lugar ao que é furo, por definição sempre diferente de si mesmo (simbólico) e à ex-sistência (real), por definição àquilo que, “de fora”, determina o que acontece no espaço subjetivo e/ou coletivo.

Então, partimos da ideia de levar a sério o imaginário hoje. O fato de pertencer a um grupo, de se identificar por um atributo e de ganhar com isso uma série de hábitos, modelos, sins e nãoos. Pertencer a um grupo, identificar-se, mesmo que ocorra muitas vezes de forma rígida pode salvar vidas em tempos necropolíticos.

Nossa questão sempre será: qual o encaminhamento, nestas condições, para que uma análise aconteça?

I. Identificar-se

Inicialmente, destacamos a explosão de particularidades e de tribos identitárias em nossos dias. Tomamos o final da análise de Marina Recalde como solo conceitual para entender que o “identificar-se” não é, em si, o problema. Isso porque a análise não é seu oposto, um desidentificar-se apenas. *Identificar-se com o sinthoma*, fórmula proposta por Lacan para definir esse momento de final, marca que uma análise não progride apenas no sentido de uma separação. Trata-se mais de reinventar um lugar no coletivo a partir do que se apresenta sempre de modo distinto, o *sinthoma*. Ele impede uma identificação fixa, mas pode ser situado unicamente fora do registro da identidade. Em outros termos, um nome de gozo “vitalidade” no caso de Marina, não é um nome fora do sentido, é um nome com o sentido em aberto. É um S1 (nome), sem um S2 (significante segundo que sustenta o sentido do primeiro) repetitivo, mais ou menos fixo.

Identificar-se com o que não é em si uma identidade (o *sinthoma*, a singularidade) fica fora apenas parcialmente do campo da identidade. Afinal não somos budas. Por isso, trata-se mais de um “fazer com...” o gozo do *sinthoma* (que pode fazer laço), do que um desfazer eterno da identidade por conta dele. É um “fazer com” que faz até nome, em alguns casos, na arte, por exemplo.

II. O significante vazio

Partimos do tema da *interseccionalidade*. Assumimos que ela é uma política propositiva, essencial, como contraponto, remédio à *tribalização* de nossos dias. Essa tribalização (definida com Maffesoli, Miller e Laurent) é uma seccionalização generalizada, uma implosão do universal paterno em uma galáxia de particularidades. Neste contexto, a interseccionalidade é uma proposta de costura alguns elementos seccionados pelo corte disruptivo do universal do pai. Articula categorias no plano local por vezes seccionadas no plano geral. É o caso de “gênero” e “raça”, por exemplo no caso do Brasil. Não se pode, por exemplo, trabalhar a favor da “mulher” sem trabalhar pela mulher “negra” sob pena de estabelecer um feminismo que mantém intocada a exclusão escravista de nossa sociedade.

Dados esse corte e essa costura, perguntamos o que seria do jogo analítico de corte e costura nesse contexto. Assumindo que o essencial da interpretação lacaniana é que ela seja o corte que subverte a costura do mestre, chegamos à ideia de que hoje é preciso de modo mais radical apostar na interpretação que corta. Mais que nunca é preciso partir do S1 que corta, não podemos nos dar ao luxo, como antes, de promover a

interpretação pelo sentido, terapêutica, do mestre como primeiro passo para estabelecer o tecido, os S2, em que incidirá o corte. Especialmente porque os S2 que o mestre oferece, para os reféns da necropolítica de hoje, tendem a ser de violência e extermínio do sujeito em questão.

Nossos guias

Queremos agora trazer à cena nossos guias. Em vez de dar prioridade ao modo como os sujeitos às voltas com a necropolítica sofrem, em seu ideal do eu etc, preferimos tomar esses sujeitos como guias. Não são gurus (não são pais, não são heróis, não são ideal). *Guias*, mais como na umbanda, ou como *intercessores* (cf. Miller).

Então, em vez quebrarmos a cabeça para entender o mestre hoje, para denunciar o mestre contemporâneo, capitalista, às vezes fascista, melhor tentar seguir na medida, o fazer desses guias. Queremos saber como conseguem, como se viram com o gozo do corpo sem passar necessariamente pelo enigma de seu desejo, sem passar pelo sujeito suposto saber (que só se institui a partir de alguma confiança depositada no mestre).

Então, além de acompanhar cada um até seu “fazer com”, trata-se, também, na cidade, de recolher as formas, os modos identitários de onde partem os analisantes hoje para se virarem com o gozo opaco de seu sintoma. Aqui, mulheres, migrantes, indígenas, negros, trans, são guias, pois raramente podem se dar ao luxo de se contentar com a suposição de saber em um mestre (afinal, o que esse mestre quer mais é lhes eliminar).

Não ter opção a não ser compor com o opaco do corpo sem passar pelo saber do mestre é o que pode ocorrer igualmente com o analisante ao cabo de seu enfrentamento analítico com o destino.

Seja qual for o caso, quando só resta do desejo o gozo de desejar, a vida como fome fundamental é que essa composição com o opaco do gozo pode fazer do corpo caixa de ressonância para o que da vida é mutante, quando pão e poesia ambos, tudo ao mesmo tempo agora, tornam-se a luta que vale.

(cf. <https://www.youtube.com/watch?v=77uozRgMoe4&t=54s>).

O inconsciente e os corpos (negros)

O caso clínico, o inconsciente dos sujeitos, o um a um da clínica, sempre orientaram o tratamento e os psicanalistas. Ensinando-nos desde Freud. Como nos deixar ensinar na atualidade? Como ler os sujeitos que construíram seu inconsciente a partir de marcas que rechaçam o seu próprio corpo? Quais foram as estratégias criadas?

Pensamos em trazer alguns fragmentos da experiência clínica de Renata Mendonça que podem nos dizer um pouco não só dos efeitos do racismo sobre os corpos dos sujeitos, mas de alguns encontros em análise.

Um analisando escolhe seu analista por vários motivos, sabemos que esse traço que faz a transferência existir muitas vezes pode ser escutado ou percebido após algum tempo, talvez, na atualidade, ao nos depararmos com a decolonização, com a

interseccionalidade e com as questões da raça, seja necessário ao psicanalista se perguntar sobre o lugar do analisando na cidade, que corpo ele tem.

O psicanalista ao estar avisado deste corpo ele pode se autorizar a escutar o que é novo na cidade e escutar qual é o gozo e, qual o traço transferencial que permite uma análise, pois, ao localizarmos de qual corpo estamos falando podemos conseguir ler e estarmos mais atentos ao que nos cabe em nossa época, já que o analisando, a partir do corpo que tem, pode ter certeza da sua humanidade, sem se perguntar sobre sua pele ou, se nos deparamos com outro corpo, teremos um analisando às voltas com um corpo rechaçado, agredido, impossível de ser branco, criando estratégias para encontrar um lugar à sombra.

Amigos brancos

Em uma supervisão um analista relata que atende uma moça “morena clara” e que esta diz a ele “não me reconheço negra, e queria ser branca quando criança”. Relata outras questões familiares, a relação com a mãe e com o pai, a falta de apoio e cenas que ela considera traumáticas.

Os amigos atuais falam do preconceito e racismo contra o branco, coisas que ela discorda, mas, não sabe o que dizer. Em outra situação diz indignada que estava no ponto de ônibus e uma das pessoas que a viu, segurando o jaleco, pergunta: Você vai para o curso de auxiliar de enfermagem? Ela é dentista. Cena que o analista banaliza dizendo que as pessoas eram assim mesmo.

Podemos dizer que ela sabe que é negra, mas, que desde criança queria ser branca, embaraçada com isso, criou estratégias sobre o seu corpo que não funcionaram. Como acolher tais questões? Como que esse significante: “negra” pode entrar no primeiro plano deste sujeito? Não como um predicado, mas, como um significante opaco e novo, pois, quando ela não se reconhece negra implica um olhar do Outro mestre. Daquele que diz quem vale e quem não vale. Quando o corpo negro está como um predicado, ele ocupa o lugar do pior, por isso ela diz que queria ser “branca quando criança”. Esses nomes, esses significantes têm essa marca por serem nomes dados pelo Outro. Tanto negra quanto branca para esta jovem vem marcado pelo olhar do Outro. Em que sua própria nomeação ainda não está presente.

Sem cor

O Laboratório “A Escola e suas Cores” inscrito no CIEN-Minas começou uma conversa numa escola infantil, particular, em um bairro considerado nobre de BH, esse primeiro encontro foi marcado por algumas falas que podem nos orientar de qual corpo estamos falando. Nesta primeira conversa estávamos trabalhando: pedagogas, cantineira, ajudante, professores de música e de dança, e psicanalistas. As falas são de negros e brancos.

Uma professora teve, o que ela considerou, um problema em outra escola, uma aluna diz: “professora, a M. me chamou de preta” e a professora declara “eu não soube o que fazer, o que consegui foi sentar as meninas em roda e dizer que elas tinham nome e que era necessário usar o nome”. Uma das pedagogas afirma: “Mas também temos cor”. Podemos concluir que a professora só precisou fazer essa intervenção com as meninas, porque esse significante ainda está marcado pelo negativo, pelo pior. Ele não vem opaco. Podemos afirmar com esse fragmento que o corpo negro é marcado pelo pior e

que ao sermos indiferentes à cor estamos dando suporte, dando consistência a uma cor específica: O branco. (Prefácio do *Pele Negra*, máscaras brancas p. 14).

Piolhos

Outra professora relata, “eu nunca tive problema com essas questões, ouvi uma vez meu avô dizer, brigando comigo ‘entra pra dentro negrinha’, mas, eu era terrível. Tenho o meu cabelo alisado porque me acostumei, não me vejo de outra maneira. Passaram a alisar porque minha mãe não tinha como cuidar, meu pai trabalhava demais e eu tinha muito cabelo, com isso tive piolho” (quantos anos você tinha?) “Eu tinha 6 anos, aí minhas tias decidiram cortar meu cabelo curtinho, tipo de Joãozinho, para ficar mais fácil e, depois alisaram para não ter mais piolho”. Uma estratégia. Um modo de existir implica e não implicada, lendo esse acontecimento de forma banal?

Espetado

Um dos professores, branco, relata que não tem esse problema no trabalho, pois, majoritariamente seus alunos são brancos e que os problemas são outros, mas, nos conta que estudou numa escola pública e que um grande amigo tinha o apelido de “espeto”, *Espetado*, “Esse amigo acordava todos os dias às 5 da manhã para pranchar, passar gel e pentear o cabelo de um jeito espetado e, ele me disse que quando crescesse iria fazer implante de cabelo liso”.

Podemos afirmar que enquanto o significante negro ou preto, for utilizado a partir do que foi definido pelo colonizador ele vai assustar quem o escuta, tal qual nos mostrou a professora do ensino infantil, mas, que é necessário, principalmente aos analistas de várias cores, escutar esses significantes, fazer um movimento, inclusive teórico, para que o analisando possa se apropriar da palavra e se perguntar sobre o seu lugar e que corpo tem.

Dentes

Em um dos casos de supervisão da Ocupação, um fragmento mostra-nos a banalização sobre as questões da raça, uma jovem estava no interior com a família e uma senhora que estava presente “pediu para ver os seus dentes porque, pelo tom de pele, quase não dava para ver que ela era negra”.

Podemos afirmar com esses fragmentos, fragmentos que chegaram na análise ou na conversação, que estes dizem o quanto que o colonizador definiu o negro como raça. Ele demarcou e desmarcou o lugar do negro, erigiu padrões de laços sociais com o branco, criou uma definição dos corpos, inclusive de corpos inferiores.

Afro-Pati

Para sair disso o negro ocupa o lugar de arrumadinho, como escutei de um analisando: “ele era um negro arrumadinho e dizia que era um negro kinder Ovo e que sua irmã topava ser uma Afro Pati”.

Como ler estes significantes? Quais estratégias foram criadas para eles existirem: “morena clara”, “kinder ovo”, “afro-pati”? Estes fragmentos demonstram que estes sujeitos sabem que são negros, mas, lutam para ter o corpo branco, assim, criam

estratégias. Assim, o cabelo é alisado por causa dos piolhos e quem sabe um dia conseguiremos um implante de cabelo liso. Como acontece com a rinoplastia em nariz negroide. Essa plástica tem como objetivo eliminar alterar o formato de um nariz de uma pessoa que é negra ou descendente de negros, que tenha as características físicas de um nariz negroide.

Entrada em análise

Talvez a tarefa do psicanalista seja promover, no um-por-um de cada caso, o significante da fantasia, “negra de merda” no caso de Marina, não como um predicado, um S2, um nome dado pelo Outro com a marca da injúria, do pior no caso do racismo, mas sim como um S1, significante novo para cada sujeito. O mesmo termo, mas perdendo seu sentido, de abjeção neste caso. Foi o que vimos no passe de Marina Recalde, com o significante “negro”, ou da ocupação, quando surge o significante “Quilombo”, um significante que não é desconhecido, mas pode ocupar um lugar novo e opaco para cada um para além do que foi dito pelo corpo do Mestre.

Assim, os sujeitos podem se separar dos significantes: “Morena clara”, “Kinder ovo”, Afro-Pati, cabelo liso, preta... ou estes podem sofrer uma torção em que o sujeito se torne negro não pelo predicado dado pelo Outro, mas, com uma nomeação própria, se incluindo no mundo a seu modo.

São quase todos fragmentos de entrada em análise, definida por Lacan como (ref p. Outros Escritos, p. 253 E Vieira, M. A. Na boca, Latusa 19):

- 1) Um significante da pessoa (por exemplo, “gosto de gente alegre, ou seja, sou alegre”).
- 2) Se endereça a alguma coisa do analista que o futuro analisante não sabe bem dizer o que é (e que Lacan chama de um traço indefinido, um “significante qualquer” e escreve Sq). Sim porque se algo que sei de mim se endereça a algo que sei ou presumo saber do analista há casamento (empatia) e não associação livre (deslizamento de fala aberta, que Lacan escreve (s1, s2, ...sN)).
- 3) Então, entre o saber do sujeito (S) e o “não sei que” do analista (Sq) se produz um sujeito novo, um sujeito como ponto cego, presença de uma ausência, um desejo de saber o que está entre o que sei de mim e o que este Outro, indefinido, talvez saiba de mim. Esse é o sujeito do inconsciente (sj).
- 4) Então, em sua álgebra, Lacan escreve assim: $\underline{S} - \underline{S_q}$
sj (s1,s2...sn)

A partir desses fragmentos podemos dizer que hoje, o tal do Sq não é muito bem tolerado. Não saber bem porque escolhemos esse analista e não outro, não saber bem porque se está ali com ele, isso supõe um cheque em branco, uma confiança depositada no que não se sabe bem e isso é o oposto dos tempos que correm. Hoje, só se paga por um saber que “entregue”. O “terapeuta” profissional tem que oferecer um produto e entregar esse produto, seja de saber ou de bem-estar. Em nossa álgebra: o analista tem que propor um S2 claro para o S do sujeito. Neste contexto, mais que nunca é preciso, de saída, “produzir” um Sq e isso começa por “produzir” um S1 (sem um S2 muito evidente) (ref Gorostiza, Latusa, a dignidade de um S1).

O discurso analítico e o significante vazio

(ref p. Outros Escritos Radiophonia, p. 447 (pergunta VII))

Como vimos, é preciso que a análise, pela interpretação, apresente um *significante vazio*. Ele é vazio de sentido, mas não de presença, vazio muitas vezes por ser uma encruzilhada de sentidos, *sobredeterminado*, com tantos sentidos que não tem sentido (como a *Afro-pati*, ou o *Espetado*).

Então, tudo se passa como no discurso analítico em que é o objeto que age, a presença libidinal do analista como alguém que não entra na relação empática, e produz um S1. Só que sem que isso ocorra por uma subversão do discurso do mestre. Já que esses sujeitos não têm lugar no discurso do mestre de nossa civilização a não como não-sujeitos. O mestre, hoje, é necropolita, por exemplo, ou é capitalista. Mata ou destrói antes que se possa haver a subversão do discurso analítico com relação ao do mestre.

Discurso do mestre

S1 - S2

Sj a

Discurso do analista

a- sj

S2 S1 (s1 separado de S2)

Negando a negação

O corpo negro não é dado tal qual o corpo do mestre, com isso ter um corpo negro, tornar-se negro é a possibilidade de construir uma identidade negra, uma tarefa eminentemente política, pois, não é possível uma construção sobre seu corpo sem se haver com as questões deste Outro mestre que põe em xeque o seu saber, sua história e seus atravessamentos.

Podemos afirmar que estes sujeitos gozam com essas estratégias, que funcionam ou não para uns e, que levam outros para a militância ou para um tratamento psicanalítico. Na militância, algumas vezes, ocorre uma união dos corpos que também segrega, pois, passam a decidir quem é negro e quem não é. Segrega os corpos e defini quem são os irmãos, mas, não da mesma maneira que o colonizador.

Quando um sujeito vai para um tratamento analítico, independentemente de sua cor, o psicanalista, pode dar voz a essa “dor”. A psicanálise um laço social que trata o gozo e que o psicanalista não está desimplicado das questões da política.

Sobre os nossos guias, a psicanálise pode escutar esses sujeitos angustiados de uma forma específica com o seu corpo e, com o desejo de analista, ajudá-lo a questionar sua posição diante do discurso do corpo mestre.

Um corpo

Definição de corpo por Lacan: “aquilo apto a portar uma marca em uma sequência de significante e que, por isso, sustenta a relação, por subtrair-se dela” (quanto ao ponto da marca) (Outros Escritos p. 407).

Nossos guias sustentam o corpo com uma marca que não é entre (lugar do sujeito no discurso do mestre), uma marca que se subtrai, Sq. Mas sim com uma marca evidente, um traço identificatório, por exemplo. Nosso trabalho é seguir na possibilidade de que eles o façam não tomando, por exemplo, a negritude não como S2, mas como S1 que lance uma cadeia associativa singular.

Não racializado

Qual negação incide sobre o corpo negro? No plano de cada um, como vimos, eventualmente o recalque do seguinte modo:

Sobre uma *Bejahung* primeira “tu és negro”, advém uma *Austossung*, expulsão, “tu não és humano” e a partir daí introduz-se uma *Veineinung*: uma negação “meu cabelo não é crespo, é liso” (e tome chapinha).

No plano do discurso racista ambiente, porém, assumimos que seja a forclusão, dada a radicalidade da segregação necropolítica.

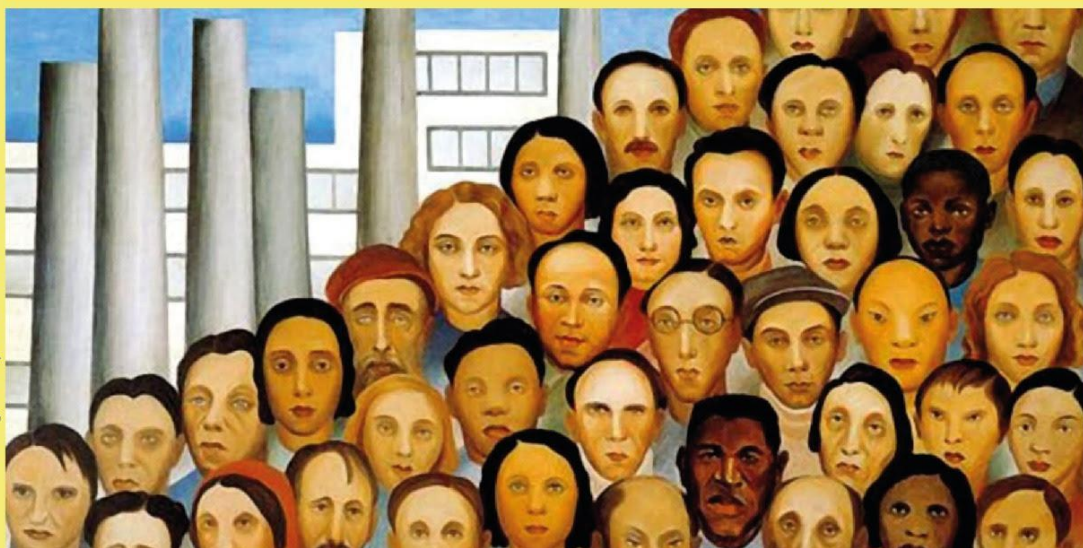
A dificuldade do não-racializado é não consentir com o negro como S1, só como S2 e por isso se permitir relativizar o que ele sustenta. O S1 negritude, por exemplo, para quem o toma como S1 original, não pode ser relativizado, forçado a entrar na cadeia do sentido compartilhado, sob pena de ir parar na prisão, lugar reservado ao de pele negra.

IV. O corpo do senhor

SEMINÁRIO PSICANÁLISE E POLÍTICA

Coordenação: Marcus André Vieira e Renata Mendonça

Imagem: "Operários" Tarsila do Amaral 1933



Quem tem o corpo do colonizador? O que o mestre poderia nos dizer sobre a raça, a interseccionalidade ou a necropolítica? Como acontece a cordialidade brasileira e quais são as estratégias para manter um gozo único? A partir da colonização os nossos guias tiveram um único destino: gozar de acordo com o colonizador, de acordo com o corpo do mestre. Se estão fora deste destino estão fora da humanidade, com isso, podem ser eliminados, pois, são agressivos, loucos e selvagens.

Numa tentativa fadada ao fracasso muitos dos nossos guias tentam ou tentaram orientar seus corpos de acordo com o colonizador, para entrarem na categoria de humano, pois, "um homem sabe o que não é um homem", com isso, o mestre decide, ao escravizar, quem são os homens.

O mestre sabe que tem um corpo e que corpo é esse? Qual a sua cor? Qual a sua raça? Ele acredita na sua imagem? Como ele circula pelo mundo? Estes mestres "se reconhecem entre si como sendo homens?" Se somente eles são homens estes teriam um pacto de reconhecimento da própria humanidade?

Atividade híbrida:
Via Zoom + Presencial (EBP Rio)
INSCRIÇÃO ANUAL:
Via formulário
Espaço sujeito à lotação

27  20h



 Escola Brasileira
de Psicanálise
Rio de Janeiro

Após assentarmos nossas bases a partir da formulação "identificar-se com o *sinthoma*", propusemos a leitura de algumas mudanças no Outro da cidade, a seguir estabelecemos quais seriam nossos guias, nossos intercessores no sentido que dá J. A. Miller a este termo. São os que não se apoiam no imaginário do corpo e da identidade para sustentar suas posições e ações, às vezes de sobrevivência, na cidade, mas incluem em sua estratégia o horizonte da diferença absoluta, da singularidade real que presida uma análise.

Mantendo o corpo em cartaz, trazemos agora uma sequência de temas sobre a forma de questões para circunscrever o que está em jogo no corpo do mestre, senhorial.

1) O mestre, do discurso do mestre de J. Lacan, pode ser assimilado ao senhor colonial?

Definamos o colonizador como aquele que, inserido no comércio escravagista, participava da distinção entre o que seria humano ou não. Essa definição instituiu-se nas invasões, no encontro com os outros modos de civilização e de gozo, mas sustentamos, com Mbembe, que foi a *plantação*, sobretudo nas colônias da América que sintetizou essa aliança entre segregação de corpos e mercado que ainda hoje dá as cartas.

Após a suposta abolição dos escravos em nosso país, essa escravização dos corpos negros e indígenas foi alterada, mas, não abolida. Sustenta-se, entre outras coisas, por uma ficção, pela contraposição imaginária entre os corpos negros, indígenas e o corpo branco. O corpo do colonizador, do invasor, nasce, assim, como o do branco europeu, cristão, patriarcal e passou a ser o corpo do mestre.

Em outros termos, o branco é o que, em nossa cultura, tende invariavelmente a ocupar o lugar do mestre, no discurso do mestre tal como definido por Lacan no Seminário 17. Do ponto de vista do simbólico, os complexos de castração e de Édipo, como definidos por Freud e formalizados a partir da teoria do Nome-do-Pai por Lacan, que descrevem o jogo de forças da organização e distribuição do gozo pelo recalque, enunciam seu discurso. É possível associar esse discurso ao do patriarcado, mas não são a mesma coisa. Os enunciados patriarcais são os que tendem a ocupar o lugar do agente no discurso do mestre lacaniano em nossa cultura. Muitos outros, porém, podem ocupá-lo na dependência do contexto e das situações particulares.

Quando dizemos, portanto, *corpo do mestre* estamos nos referindo ao seguinte conjunto:

- 1) Enunciados simbólicos (os da naturalidade da família nuclear, por exemplo, ou do universalismo europeu), associados aos
- 2) predicados de uma branquitude encarnada (cor da pele, dos olhos, forma do cabelo etc.),
- 3) estruturado pelo regime do recalque segundo a formalização lacaniana de quatro elementos: sujeito (S barrado), objeto (a), comando (S1) e conhecimento (S2).

O enlace entre esses três aspectos se dá na singularidade da experiência de cada um.

A política do inconsciente que implica os laços na cidade nos tornando psicanalistas não só éticos, mas, responsáveis em nossa época. Essas questões não se fazem sem angústia, sem o não saber.

Essa leitura, a leitura dos corpos e laços sociais que circulam na cidade, cabe à psicanálise. Desde que possamos usar a dica nos dada por Laurent, no texto *Psicanalista Cidadão*, não ser um especialista da desidentificação, mas, ter uma leitura implicada, sustentada pela ética psicanalítica e a política que nos cabe.

Falamos até aqui sobre as estratégias criadas por nossos guias para existirem como humanos, gozando de acordo com o corpo do mestre. O que seria gozar de acordo com o corpo do mestre?

2) Quem tem o corpo do colonizador?

Manter a lógica da mestiçagem como solução para a civilização, embranquecer-se, destituir as religiões afrodescendentes, tomar como uma verdade a lógica branca europeia. Podemos assegurar que muitas dessas soluções foram definidas pelo próprio colonizador e podemos afirmar que os guias foram se apropriando das mesmas, enquanto um ideal, pois, como avisa Neusa Santos Souza o Ideal do negro é branco, pois, sem se apropriar deste ideal os guias podem ser eliminados, visto que, são considerados pelo outro, pelo colonizador branco: agressivos, loucos e selvagens, até hoje. O objetivo do branco é “salvar” os guias do seu modo de vida ou eliminá-los.

Assim, vivíamos e vivemos ainda uma era em que o corpo do mestre, do colonizador diz quem é homem e quem não é, o mestre decide, ao escravizar, quem não são os homens. Por que o ideal do negro é branco? Porque o branco assume para si a condição de humano, assume o que é o homem, como afirma Fanon (cf. *Pele negra máscaras brancas*, p. 27).

Esse que possui o corpo do mestre sabe que tem um corpo? O que dá ao branco esse reconhecimento imediato da sua humanidade? Que corpo é esse? Qual a sua cor? Qual a sua raça? Ele acredita na sua imagem? Como circula pelo mundo? Se somente eles, os mestres, são homens, estes teriam um pacto, inconsciente, de reconhecimento da própria humanidade? O “Pacto da branquitude” pode ser reconhecido como um pacto inconsciente?

São perguntas difíceis de serem respondidas e nem pretendemos, como psicanalistas, tratá-las universalmente, pois, como mostra o texto de Marcus André Vieira “Meus dias de branco”, abordar essas questões a partir da psicanálise não é universal. É necessário delimitar o “universal, o particular e o singular” de cada caso, uma tripartição apontada por Lacan, exemplificada no texto. Com isso, teremos que ler a cada vez, no um a um de cada caso quem possui o corpo guia ou quem possui o corpo do mestre e o que significa ter um corpo. O que aquela pessoa pode dizer sobre isso, em qual dos lugares ela se vê e, o que surge do seu inconsciente.

O que poderia, aquele que possui hoje, o corpo do mestre, nos dizer sobre a raça, a interseccionalidade ou a necropolítica? Quais são as estratégias dos corpos mestres para manter seu gozo como o único autorizado?

É preciso reconhecer a lógica de poder e de privilégio ao qual o corpo branco pertence, pois, como diz Fanon “aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra” (p. 26). Assim, aquilombar-se não é adorar ou execrar é reconhecer seu próprio corpo e se perguntar sobre seu gozo, sua posição diante de uma estrutura social racista, podendo, a partir dos questionamentos sobre seu corpo, cada sujeito ocupar o seu lugar de homem com o seu gozo próprio.

Começamos pela miscigenação. Como ela sucedeu em nosso país? Ela acontece quando o Brasil é invadido, pois, tanto as indígenas, quantos as mulheres negras, foram sistematicamente agredidas sexualmente desde o início da colonização do país. Uma violência constante sobre os corpos das mulheres negras que eram objetos usados para todo tipo de abuso.

3) A suposta democracia racial

Partamos do “Manifesto das Mulheres Negras” apresentado no ?? Congresso das mulheres Brasileiras, no Rio de Janeiro, em 1975:

As mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como ‘o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira’. Mas se a qualidade do ‘produto’ é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso” (Nascimento, 1976/2016 p. 74)

No tratamento dado à mulata, ficava evidente os efeitos da miscigenação, pois, cria-se um “produto nacional” que apenas prossegue na exploração da mulher preta, a exploração sexual.

Essa exploração, tanto sexual quanto outras, se mantém ainda hoje a partir do que vemos nas relações entre os corpos de negros e brancos. O mito da “democracia racial” faz da mulata uma “prova” da miscigenação no Brasil e da construção gloriosa de uma nova raça. Em que a mulata passa a ser a escrava sexual, usada pelo homem branco e, a mulher negra ou melhor, retinta, continua a ser submetida ao trabalho compulsório. Falamos aqui do estupro da mulher negra como o começo de uma miscigenação violenta, sem nome e infinitamente agressiva. A mestiçagem no Brasil adveio a partir da violência contra o corpo negro.

Esse estupro da mulher negra não originou simplesmente o produto nacional: a mulata. Mas o pardo, o moreno, o homem de cor, o moreninho e etc.

Em 1888, com a chamada abolição, os negros africanos e seus descendentes foram atirados à sua própria sorte. Esse fato exonera de qualquer “responsabilidade os senhores, o Estado, e a igreja” (Nascimento, 1976/2016 p. 79). Sem reparação, sem empregos, sem casas, sem lugar e sem nome.

Após essa data, com a ideia de que todos são livres e brasileiros vemos um país de cor escura, já que, nesse país, os trabalhadores, em sua quase totalidade, eram escravos. Portanto, negros, mulatos... mestiços. Era um país de cor escura. Um país marcado pela mancha negra.

As classes dominantes viram nisso um problema, pois, a brancura da pele, o nariz fino, os corpos brancos significavam: superioridade, humanidade, civilização e ainda vistos assim. Podemos afirmar, também, que os escravos não foram libertados pela benevolência do branco colonizador e nem porque passaram a ter, de fato, o *status* de homem, ser humano, de igual capacidade, não! Eram ainda animais que foram soltos pela exigência de uma política externa, em alguns casos interna e, principalmente, pela luta dos escravos.

Para Abdias do Nascimento o processo de miscigenação foi simplesmente uma ação genocida, pois, com ela “o ‘problema’ seria resolvido pela eliminação da população afrodescendente. Com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo sob a coação do progressivo clareamento da população do país” (Nascimento, 1976/2016 p. 84). Uma proposta aplaudida pela classe dominante e estudada pelos cientistas e médicos da época.

Essa proposta de embranquecimento da população brasileira, de mestiçagem, não tira do corpo negro o peso do racismo e da ideia de uma população a ser eliminada, ao contrário. Já que ela deveria deixar de existir. Nem faz com que haja uma nova raça, pois, como demonstra Munanga, isso só traz para brancos e negros o recrudescimento da violência racial tratada de um modo banalizado. Afirmar que todos somos mestiços autoriza o branco a usar o povo negro e faz a constituição da negação do racismo, pois, é possível afirmar: “Quem vai discriminar quem, se somos todos mestiços?” (cf. Munanga, K. *As ambiguidades do racismo a brasileira*, 2017, p. 38). Criasse uma ideia de harmonia entre os grupos, uma ausência de preconceitos e de discriminação.

Munanga considera o racismo brasileiro “‘um crime perfeito’, pois além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros” (2017, p. 40). E afirma ainda: “A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras consequências a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio” (Munanga, 1999 p. 110).

A tentativa de criar uma suposta democracia racial, uma mistura de raças seria uma das formas de agredir e apagar a história, as contribuições do povo negro e os modos de gozo. Essa tentativa surge com o apoio da igreja, do Estado e chamada ciência da época, para a construção de uma identidade nacional (Munanga, 1999 p. 51), branca. Havia, inclusive, hipóteses que em 100 ou 300 anos o corpo negro seria eliminado, causando nas classes dominantes um grande desanimo diante do tempo, da demora deste acontecimento.

Entre 1889 e 1914 o investimento na emigração foi significativo, para que o embranquecimento da raça pudesse ser mais eficaz e rápido. Eram proibidas a imigração de Africanos, enquanto que portugueses, italianos e alemães eram bem-vindos ao Brasil.

Com os ideais de mestiçagem e branqueamento, como mostram Munanga e Nascimento, foi-se criando um ideal branco, ideal de humanidade universal erigido sobre padrões brancos. “Muitos deixam de assumir sua negritude e preferem o ideal do branqueamento que, segundo creem, oferecia vantagens à branquitude” (Munanga, 2017 p.41) Assim, desde sempre, no Brasil, nomear-se preto ou ser chamado de negro passa a ser ofensa, pois, significa: animal, escravo, subdesenvolvido... Com isso se constitui no imaginário brasileiro a demanda que incide sobre o corpo negro: melhore sua raça casando-se com brancos ou tendo filhos de brancos. É, claro, uma via de mão única, já que o branco não quer ser negro. Não quer ocupar o lugar que o negro ocupa.

Isso se mantém como questão não tratada e nem muito desenvolvida no país. Atualmente, estudiosas da branquitude, como Lia Schucman com seu livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo* e Cida Bento *O pacto da branquitude*. Demonstram o peso da branquitude. A primeira evidencia em entrevistas, como os brancos se representam, se percebem e se sustentam na ideia de sua superioridade intelectual e moral. A segunda apresenta as consequências da branquitude sobre a estrutura social, tanto mercadológica quanto institucional e interseccional.

4) O que o corpo do mestre sustenta em termos de necropolítica?

A política da mestiçagem agiu e age sobre os corpos de negros e brancos no Brasil. As marcas são históricas, mas não fazem parte de um passado, seguem presentes até os dias de hoje. Com isso tudo, não seria importante o psicanalista branco se perguntar sobre o seu corpo?

Em seu texto, Marcus André, afirma uma diferença entre *tornar-se negro* e *saber-se branco*. Não seria possível tornar-se branco tal qual tornar-se negro, provavelmente porque o branco sempre foi incolor, somente humano. E, talvez, por não se perguntar sobre seu corpo branco e o que ele significa no mundo. Essa pergunta implica o reconhecimento do seu lugar enquanto opressor. Podemos supor que isso não é fácil.

Além disso, a raça branca, quando se sente ameaçada imaginariamente, quando os corpos dos guias são reconhecidos ou ocupam os espaços que sempre foram destinados a esse grupo hegemônico, ela só faz recrudescer ainda mais o seu modo de gozo, definindo-o para todos e sustentando ainda mais a sua branquitude.

Ao se sentir ameaçada em seu poder e modos de gozo, a violência, a agressividade aumenta demasiadamente e isso pode ser percebido com o crescimento da extrema direita e do neonazismo no Brasil (cf. os textos de Romildo do Rego Barros, Henri Kaufmanner e Marcelo Veras na mesma edição da revista Correios que está o texto de Marcus André Vieira (https://www.ebp.org.br/correio_express/)).

Podemos supor, que a ameaça sentida por aquele que possui o corpo do mestre, onde o gozo do outro, do estrangeiro, ameaça o gozo que ele considera humano, essa angústia, não implica uma pergunta sobre o próprio corpo, ao contrário, cria um esforço de eliminação do estranho. Um esforço violento de manter o identitarismo branco, definindo, a cada vez, de forma agressiva e perversa quem é humano e quem não o é. Determinando quem são os homens. Intensificando aí uma fraternidade dos corpos, uma fraternidade branca.

Essa fraternidade não implica uma resistência, uma luta pela vida, uma sobrevivência, mas, é uma fraternidade que sustenta o poder, o racismo e a violência contra negros, imigrantes, LGBTQI+, nordestinos, judeus... todos aqueles que estão fora da humanidade branca, cristã, cis e de um Deus único. Todos os estrangeiros que furam o ideal humano. Com isso, dizer que o homem é semelhante a Deus só é possível quando fica definido de que Deus estamos falando.

Esse recrudescimento da branquitude, em uma posição neonazista não é tão antiga quanto a escravização dos povos. Podemos afirmar também, que a delimitação de quem poderia ser vendido, um corpo que se torna moeda de troca, aconteceu com o corpo negro, com esse período escravagista, em que os corpos são comercializados.

Em relação aos neonazistas, da Alemanha de Hitler, evidencia-se uma reposta rápida contrária à violência ariana, não universal, mas muito mais ágil que a resposta dada ao tráfico negreiro.

Tivemos, na escravização dos negros, a chamada abolição, que não foi uma abolição de fato, pois, sobre o racismo, que ainda vivemos, a resposta vem a passos lentos, muito diferente da resposta dada, na segunda guerra, pelo mundo que conhecemos.

Podemos afirmar que o neonazismo, o recrudescimento da branquitude, de um grupo hegemônico, de uma defesa e resistência que implicaria o pior, é uma tentativa de manter o poder e a própria humanidade, pois, matar o estrangeiro, o que faz furo a essa hegemonia garante o “ser homem”.

O que cabe ao corpo branco além dessa violência para manter a hegemonia e a sua humanidade?

5) A que política corresponderia “saber-se branco”?

Nossa proposta talvez seja a de reconhecer branco: “Não incolor, cor da ignorância do poder, mas da clara cor do opressor” *Saber-se branco* é ter que se perguntar sobre o seu lugar, qual é o imaginário e simbólico que perpassam a sua existência, é se perguntar sobre si, esvaziar imaginário, repensar o simbólico que envolve seu corpo. Com isso, ao tratar deste corpo, o branco pode criar condições novas e deixar de dizer, como senhor, detentor do poder, sobre o corpo do outro.

Nos casos da branca e da negra trazidos no texto podemos afirmar, com ressalvas, que dizer do corpo do outro não faz uma análise existir, não foi dito para a branca que ela tinha um corpo negro, isso não quer dizer que, em algum momento, algo em relação a isso não possa ser dito, é preciso escutar, teremos que ver no caso a caso, mas, até para dizer é necessário escutar que corpo cada analista tem e como sustentar isso na transferência. Uma questão que nunca foi simples, mas, que na atualidade, de acordo com o novo imaginário, pode ser algo a ser visto e lido de uma nova maneira, avisados das questões sobre a raça.

O analista, também, não interveio no discurso identificatório, identitário da paciente negra, discurso que sempre foi tratado pelos psicanalistas, mesmo com a advertência de Laurent, como um discurso a ser destituído. Grosso modo, não é disso que se trata também uma análise, é preciso tempo para ver. É preciso tempo para ver, pois, a paciente se viu, se reconheceu negra, é preciso tempo, então, para compreender e concluir o que significa ter esse corpo ou o que fazer com isso.

O analista com o corpo do mestre, por sua vez, também precisa de tempo: “Sei agora como foi no dia em que senti na carne o contraste entre a branca e a negra que me vi branco. Não incolor, cor da ignorância do poder, mas da clara cor do opressor. Não me tornei branco, pois não houve nisso nada do que a expressão ‘tornar-se negro’ delimita. Apenas me pareceu incontornável consentir com essa marca identificatória”.

Tanto para os psicanalistas que estão vivendo a sua experiência em análise, quanto na sua posição de sustentação de desejo para experiência de seus analisandos; qual o efeito de ser reconhecer branco na sua experiência?

Podemos afirmar que esse é um acontecimento “incontornável”, pois, se reconhecer branco não é um acontecimento banal. Podemos dizer, que na experiência como psicanalista é possível se reconhecer branco e que se reconhecer branco não é ser mais incolor, não é ser humano da mesma maneira, não é ignorar o discurso da raça e é um acontecimento com efeitos e consequências, inclusive na experiência clínica e analítica.

É fundamental afirmar que o racismo é de toda a sociedade, e que envolve cada um de nós com seu próprio gozo, em uma posição alienada ou não. Como participamos desta sociedade de um novo modo?

É preciso se implicar, a cada vez e, se perguntar quando, como psicanalistas, subvertemos a ordem social, pois, a pergunta não cabe só aos negros, cabe aos negros resistirem, cabe a nós usarmos estratégias de sobrevivência, mas, cabe-nos, também, enfrentarmos o racismo quando somos os opressores. Quando possuímos, circulamos no mundo com o corpo do mestre.

6) Seria aquilombar-se uma possibilidade?

Aquilombar-se seria distinto do *saber-se branco* e mesmo do *tornar-se negro*. Seria ainda distinto daquele dos discursos descritos por Lacan? Como ele incluiria as questões da raça?

Partamos de algumas definições:

Quilombo:

O termo quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que possua um conteúdo histórico, este vem sendo ‘ressemantizado’ designando a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. Contemporaneamente, o termo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica, não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea e, nem sempre foram constituídos a partir de uma referência histórica comum. Neste sentido, o termo quilombo constitui grupos étnicos conceitualmente definidos pela Antropologia como: um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. No que diz respeito a territorialidade desses grupos, a ocupação da terra é predominando o uso comum (não são lotes individuais), com seu uso obedecendo a sazonalidade das atividades, sejam agrícolas, extrativistas e outras, baseadas em laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade.¹

Quilombo e Quilombola descolam-se, hoje, do fator terra ou insurreição para tornar-se um movimento de mais amplo espectro, assim como a da identidade do agente deste movimento.

Está-se diante de uma diversidade de autodefinições referidas a tais situações sociais que muitas vezes contrariam concomitantemente tanto as disciplinas militantes quanto os critérios dos técnicos da burocracia administrativa, ambos apoiados em fatores supostamente objetivos e fiéis a clivagens pretensamente científicas. Aliás, já acontecia em Palmares. Se formos pensar no que era o povoado dos Macacos, a julgar pelos relatos existentes, ali havia “desertores”, “facinorosos do sertão”, “escravos fugidos” e

¹ <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/03D00024.pdf> Na Wikipedia: “Quilombo é o nome dado aos espaços e as comunidades criadas por populações que se formaram a partir de situações de resistência territorial, social e cultural no Brasil, com funcionamento baseado na cultura e tradição (normalmente em comum) das pessoas que neles habitavam (...) Os moradores do quilombo denominam-se *quilombolas*, reconhecidos desde 2007 pelo Governo Federal do Brasil como *comunidade tradicional*; comunidades que realizam práticas diárias de *produção com desenvolvimento sustentável*.^[5] possuem modo de vida ligado ao meio-ambiente e, que possuem uma cultura diferenciada da cultura predominante local.^[6]” <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quilombo>

índigenas, todos juntos. Havia inclusive uma sobreposição de formas de uso dos recursos naturais. Essas situações poderiam ser aproximadas, não obstante as diferentes formações históricas, daqueles casos de superposição fundiária que indicam outras possibilidades de cortes, uma vez que as chamadas terras de preto — essa dimensão mais lato sensu de quilombo — não emergiram sozinhas. Junto com elas emergem e são hoje reconhecidas outras categorias essenciais para interpretação da estrutura agrária. Esse procedimento de pensar a estrutura agrária relacionalmente revela que ela não pode ser mais dissociada de fatores étnicos.²

E *Aquilombar-se*?

Aquilombar-se é, portanto, uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes (...) a resistência e a autonomia, aspectos fundamentais da construção identitária das comunidades quilombolas, são também as linhas motoras do movimento de *aquilombar-se*

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2130/1/2008_BarbaraOliveiraSouza.pdf

A definição de Barbara Souza, acima, apoia-se no trabalho de Abdias do Nascimento e seu programa e proposta maior, o *Quilombismo*:

Merece destaque a obra de Abdias do Nascimento, com sua abordagem do quilombismo, que segundo ele seria a rede de “associações, irmandades, irmandades, congregações, clubes, agremiações, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras ...essa práxis afro-brasileira” (Nascimento, 2002, p. 264, tradução nossa), que o autor situa não só no passado, mas também no presente. Os quilombos são, portanto, um locus de liberdade e renovação dos laços ancestrais étnicos e afro-brasileiros.

A ideia de terra coletiva, na concepção de terra das comunidades quilombolas, desestabiliza o modelo de sociedade que tem a propriedade privada como única forma de acesso e uso da terra. A incorporação da perspectiva do privado sobre a terra ao Estado exclui diversos outros usos e relações com o território, como o dos povos indígenas e das comunidades quilombolas. A invisibilidade também prevaleceu nas políticas estaduais e na legislação durante a maior parte do período republicano.

<https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/22779760211072193>

https://issuu.com/institutopesquisaestudosafrobrasil/docs/quilombismo_final

Finalmente, Ribeiro, Rosa e Assis dão o passo que aproxima o tema de nosso campo. Elas seguem Beatriz do Nascimento na ressignificação do termo e da ampliação de seu alcance aproximando os modos de funcionamento do quilombo com experiências que persistem e insistem em nossa sociedade, nas comunidades, favelas, escolas de samba... podendo ter ocorrido um deslocamento da ideia de quilombo enquanto fuga e esconderijo, para um modo de funcionamento que implica resistência, memória e ancestralidade. O quilombo e o aquilombamento podem ser lido como um conjunto de ideias, soluções e invenções para que coletivo resista para manter seu modo de vida e gozo.

² Alfredo Wagner Berno de Almeida, “Os Quilombos e as Novas Etnias” in *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*, Eliane Cantarino O’Dwyer (org.) Rio de Janeiro, FGV, 2002, p. 71.

No que diz respeito à nossa investigação, as autoras se perguntam qual a diferença entre o quilombo, o aquilombamento e os grupos descritos por Freud: o Exército e a Igreja. Afirmam que enquanto nos grupos descritos por Freud o líder é referência-chave, como corpo regulador, o quilombo se move de outra maneira, onde a causa, a resistência, a memória, a ancestralidade a luta pela sobrevivência ocupariam de outro modo a função que dá coesão ao grupo.

Resta saber como.

o quilombo e a identidade quilombola constituem-se, ontem e hoje, como modos de fazer resistência à colonialidade e, conseqüentemente, ao Ideal do eu branco. É fazendo e reivindicando sua identidade nessa posição histórica, social e juridicamente desfavorável quanto às relações de poder que as comunidades negras vêm lutando para serem aquelas que fazem e determinam sua própria história” (Ribeiro, Rosa, Assis 2022 p. 84).

De todo modo, podemos nos alinhar a essa perspectiva como hipótese de trabalho, ao menos como questão norteadora: o quilombo e o aquilombar-se, poderiam constituir uma subversão da ordem universal do gozo estabelecido pelo corpo do mestre?

Como situar sua especificidade quando, como afirma Beatriz Nascimento “Tudo que é resistência passa a ser quilombo?”. E seria o quilombo uma realidade dotada de estabilidade na duração? Dificil dizer, por hora, quando apenas sobreviver já é sua proeza cotidiana.

Neste sentido, porém, as autoras apoiam-se nos desenvolvimentos de J. Lacan sobre o Cartel - pequeno coletivo de trabalho, estabelecido e criado por Lacan -, para ler os modos de funcionamento do quilombo. Algo a ser investigado (cf. nesse sentido “Psicanálise na favela, o Digaí e a clínica dos grupos”). Nós usaremos outra referência. O sentido que estamos propondo para aquilombar-se aproxima-se, em nosso entender do que propõe Laclau e sobretudo Lacan em seu texto “O tempo lógico...”. É o que veremos detalhadamente no próximo encontro.

O convite para aquilombar-se, deve ser lido como algo sério. Para isso vale destacamos, com faz Cleyton de Andrade, sua etimologia:

Quilombola - Habitantes de quilombo (...) *quimbundo Kuombolola*, surrupiar, levar às ocultas.

(Novo dicionário Banto do Brasil. 2ª edição revista e atualizada).

V. Lógicas coletivas

SEMINÁRIO PSICANÁLISE E POLÍTICA
Coordenação: Marcus André Vieira e Renata Mendonça

Atividade híbrida:
Via Zoom + Presencial (EBP Rio)
INSCRIÇÃO ANUAL:
Via formulário
Espaço sujeito à lotação

26 SET 20h

 Escola Brasileira
de Psicanálise
Rio de Janeiro

Imagem: <https://oliceipoll.com/Cria> - Fotografia: Renato Mangolin

Após o percurso feito no semestre passado ficamos nos perguntando como faríamos para, neste semestre, pensarmos, na lógica lacaniana, os pontos tratados sobre o tornar-se negro, o novo imaginário, a cidade, nossos guias e o corpo do branco.

Sobretudo, buscamos no ensino de Lacan de que forma ele teria concebido uma lógica coletiva que prescindisse de um universal comum, do mestre, para se estabilizar e que pudesse, talvez, ser a maneira freudiana, lacaniana, de conceber um *aquilombamento*, ou , quem sabe dar-lhe uma carga clínico-conceitual a partir da psicanálise.

Decidimos usar, então, o texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” como nossa bussola de referência. De fato, a primeira ideia teria sido o discurso analítico, laço social explicitamente proposto por Lacan como aquele trazido à cultura pela psicanálise. No entanto, o discurso analítico mantém-se vinculado ao do mestre, como seu avesso. Além disso, o “tempo lógico” propõe-se a pensar um laço separado da ideia de um eu prévio, de uma identidade ou uma classe anterior ao coletivo, o que nos pareceu mais diretamente ligado à nosso tema (cf. O que se cristaliza em uma identidade, Latusa, 27).

O balé lacaniano

Há vários paradigmas do laço social no ensino de Lacan. Segue uma breve lista (de trás para frente):

- 1) Autorizar-se de si mesmo e de alguns outros... (*Les nons dupes errent*)
- 2) Os quatro discursos (S17, *Radiofonia*)
- 3) O binômio alienação e separação (S11, *A proposição...*)
- 4) A metáfora paterna (e a forclusão do NDP (S5, *A questão preliminar...*))
- 5) O sofisma do tempo lógico.

São todos sempre “anti-pai”, anti universal fundador, colocam, em cena, de diversos modos o paradoxo de uma singularidade (o *sinthoma*, o objeto *a*, o desejo da mãe) que não é apagado, recusado ou rechaçado no laço que é proposto

A proposta do tempo lógico, ao menos a menção ao texto, retorna ao longo de todo o ensino de Lacan (cf. Erik Porge).

Neste texto a proposta pode ser resumida, como o faz Lacan ao final do texto, desta forma:

- a) Um homem (universal) tem que correr para se dizer homem
- b) Não é preciso se submeter nem vencer nenhum senhor
- c) Mas não basta formar parte de um grupo (ter muito iguais a si mesmo, fazer parte de um nós em que são “todos como eu”).

Os tempos são fundamentais neste texto e bem conhecidos: instante (de ver), tempo (de compreender) e momento (de concluir), mas, o balé dos três prisioneiros é também um aspecto precioso, uma dança dentro do coletivo finito dos prisioneiros.

Daremos ênfase em ter um corpo e dele fazer uso, a partir do que Lacan chamou de o “baile” dos três prisioneiros. Cada um dos três personagens, se situa e se institui como sujeito a partir da relação que estabelece com os movimentos dos outros. Desse modo, a dúvida sobre ser ou não humano recai sobre todo aquele que nasce, já que é a dança dos prisioneiros que estabelece a humanidade em cada um deles.

Em tempos de falência do humanismo ele é mais que atual por propor uma comunidade em que o estranho, o não humano em cada um define o modo como se institui o comum.

O sofisma

No balé, um jogo é estabelecido. A questão resumidamente é essa: O diretor da prisão diz aos três prisioneiros:

- a) Que ele tem três discos brancos e dois negros;
- b) Que ele irá colocar um disco nas costas de cada prisioneiro, mas que cada um poderá ver o disco nas costas dos outros;
- c) Que no momento que um deles deduzir qual disco possui nas costas e pudesse comprovar isso de forma lógica pode sair da sala e, justificando, sua decisão, estará livre.

O diretor coloca um disco branco em cada prisioneiro. Após um tempo os três se levantam se encaminham para a saída, mas hesitam, param ao mesmo tempo, e logo após se encaminham os três para a porta e, saindo, sustentam a hipótese do disco que estava em suas costas. Cada um deles havia concluído que seu disco era branco por observar:

- a) Que os outros dois tem discos brancos nas costas
- b) Que os outros dois se movimentaram juntos para sair e juntos hesitaram.

A solução? Vejam como Lacan a apresenta em um primeiro momento:

Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: 'Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo não sou preto'. E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser brancos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta afora para dar a conhecer minha conclusão.

A solução lógica do problema, implica este raciocínio inicial, mas igualmente um segundo raciocínio após a verificação por parte de cada um do movimento dos outros e um terceiro raciocínio após a parada do movimento entre cada um deles.

Segue o "passo a passo" deste trabalho subjetivo e ao mesmo tempo coletivo, tal como resume R. Lyra a partir de Miller (Miller, J.-A. Los usos del lapso. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 369. 34):

1ª parada – nesse exato momento B e C fazem o mesmo e seu movimento instala uma dúvida em A, que hesita: "B e C podem se ter posto em movimento por duas razões: ou porque viram em mim um disco branco e fazem exatamente o mesmo raciocínio que eu faço e o fazem ao mesmo tempo que eu, ou porque viram em mim um disco preto, notaram a inércia um do outro, demoraram um pouco mais do que eu teria demorado, mas terminaram se pondo em movimento rumo a sua conclusão". Fato é que B e C também pararam. A permanece em seu anseio de se lançar ao movimento e calcula algo sobre o tempo de parada de B e C: "B (ou C) pode ter parado porque me viu preto. Nesse caso, sua parada se teria devido ao fato de que C (ou B) se pôs também em movimento, fazendo vacilar sua certeza de ser branco. Nesse caso, ao notar que C (ou B) também hesitara, B (ou C) não deveria tardar a voltar a estar certo de ser branco. Se esse fosse o caso, ele já deveria estar novamente em movimento... donde afasto essa hipótese – na qual a cor de meu disco seria preta – e me lanço novamente ao movimento."

2º movimento: O fato de que B e C retomam igualmente o movimento faz renascer a dúvida e A pensa "novamente podem ter demorado mais tempo do que eu teria, e podem ter-se posto em movimento justamente porque me viram preto, andaram, notaram o movimento do outro, pararam, notaram a parada do outro e concluíram ser brancos... Minha certeza novamente foi suspensa... devo parar..."

2ª parada –É assim que A – e B e C – para, nota que os outros dois também pararam... e imediatamente se relança ao movimento, posto que em nenhuma hipótese alguém teria hesitado duas vezes tendo visto um disco preto. Cada um chegou à certeza logicamente inafastável de que há em jogo três discos brancos. Nesse ponto, é ainda esperado de cada prisioneiro que saia da sala e dê a conhecer a sua descoberta, mas nota-se que a pressa que se pode supor nesse momento difere qualitativamente da pressa que provocou as precipitações anteriores.

Para nosso trabalho de hoje importa destacar como os três, constituem uma pequena comunidade, e bem original. Por um lado, é por terem algo em comum, o disco idêntico. Isso é pouco, porém, ainda mais porque a cor do disco é exatamente o que os separará uma vez saídos da prisão. De fato, esse mini-coletivo só se configura como tal no tempo em que, movidos por um mesmo desejo, o de sair, e por uma identificação imaginária (a cor dos outros, dos "colegas") interagem em uma pequena dança em que o movimento de cada um é um signo para os outros, uma necessidade de mover-se por

si, para não ficar “de fora” (até porque, nesse caso, ficar de fora é ficar para trás, dentro da prisão).

Não há nesta dança um mestre. O diretor, como corpo, não tem papel nenhum no sofisma apenas transmite as regras do jogo. O corpo do mestre não se encontra ali como alguém que decide quem pode sair. É com a dança que se conclui algo.

O próprio Lacan propõe esse sofisma como um apólogo de uma forma de laço social em que cada um conquista seu lugar ao sol, sua humanidade, por exemplo, a partir de alguns semelhantes, de uma *flash mob*, ou de uma dança, em que cada um aposta e se antecipa autorizando-se como humano para que os outros não possam excluí-lo dessa humanidade. Nem o diretor define o que é ou não humano, nem o coletivo pode fazê-lo porque, uma vez que alguém conseguiu encontrar seu caminho para a saída seu caminho retroativamente é logicamente válido. Esta é, aliás, a única maneira de resolver: “Sou branco porque os outros hesitaram como eu” não porque “são como eu” mas agiram como eu”.

O balé lacaniano no coletivo

Os coletivos, poderiam, em alguns casos, ser um lugar que acontece esse baile, o balé descrito no texto de Lacan? Poderíamos ler em alguns casos a importância do coletivo o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir?

I

No texto “Meus dias de branco” vimos: duas mulheres, com o mesmo tom de pelo, com fenótipos parecidos e, isso é importante, pois, o racismo a brasileira passa principalmente pelo fenótipo, que se viam completamente diferentes, cada uma se reconhecia de um modo diferente da outra. Uma se via “branca” mergulhada na branquitude e a outra sabia-se negra. Qual foi o balé feito por cada uma delas? Em qual momento o balé que inclui a raça entrou na vida da mulher negra? A mulher considerada “branca”, “moreninha” teria passado por algum balé que incluísse a raça? Seria uma negação, uma defesa?

É preciso sair da ênfase no “psicológico”, no “individual”, sem perder de vista o sujeito.

Podemos dizer que não é possível mais receber uma pessoa com o fenótipo visto acima desavisados, desavisados das questões raciais existentes na nossa história, nem desavisados do corpo que tem o analista, pois, este, precisa estar separado de sua fantasia e do que representa o seu próprio corpo, para poder escutar o que dê mais singular surge, para poder extrair o ponto de gozo que cabe a uma análise.

De onde....o analista olhou para isso da janela de sua fantasia. É importante.

Podemos afirmar, também, que não possível receber a mulher que se sabe negra colando o seu corpo em um identitarismo a ser destituído, em uma paranoia ou em uma agressividade, não é possível receber a que está mergulhada na branquitude desavisados de uma possível história que é negada. É preciso, como estamos tratando de uma releitura, ler o Simbólico, o Imaginário e o Real que implique essa pergunta sobre o balé feito por elas na cidade e na cultura.

No semestre anterior discutimos, em alguns momentos, o quanto que alguns corpos podem se sentir estrangeiros diante de si mesmos e do mundo ao qual ele está mergulhado. O que chamamos de racismo estrutural. Nos perguntamos no último encontro o que faz o corpo do mestre, o corpo branco ter tanta certeza de sua humanidade, uma humanidade que não inclui as raças, as diferenças e, que o estrangeiro a essa humanidade deve ser aniquilado ou civilizado, deve aprender a ter um gozo único, um gozo branco.

No texto de Lacan, o famoso sofisma e sua lógica tem o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir que implica uma pressa, pois, é necessário saber alguma coisa. Nesse caso saber-se Branco. É necessário para todo ser que nasce se reconhecer em algum momento enquanto aquele que deve e pode sair de uma prisão, entrar na vida como um entre os outros, que implica um lugar no mundo, na cultura, na sua existência. Poderíamos afirmar inclusive que seria uma conclusão que nomeia. Que possibilita uma nova ordem. Concluir a partir do balé o próprio lugar ou um novo lugar.

No semestre passado vimos o que é estar mergulhado na branquitude e saber-se negra, o que é um analista se dar conta de sua própria cor, com o texto “Meus dias de Branco” trabalhamos o testemunho de Marina Recalde que em sua análise sai do resto para o “negra decidida”, tivemos o Quilombo em que, a partir da violência do Estado, surge a pergunta: quem somos nós? Surgindo a nomeação Quilombo.

Tanto “negra decidida” quanto “Quilombo” são nomes retirados da cidade, mas, o que importa à psicanálise é o “peso”, o efeito, a marca que isso traz para cada sujeito.

II

Vamos retomar um caso trazido no início do semestre passado para tentarmos ler o balé sobre um jovem que já estava em análise, “um obsessivo sem cor que ganha um corpo negro”

Esse jovem vai para análise ao entrar na faculdade em um curso majoritariamente branco, é um jovem que não tem uma história vivida na periferia ou na comunidade, sempre se viu bem quisto, estudioso e participativo. Ao entrar neste curso ele tenta entrar um grupo de laboratório e é rechaçado pelos colegas, isso o angustia e o leva para a análise. Esse jovem não traz neste momento nenhum acontecimento ou fala que pudéssemos localizar como uma questão de raça. Só nos conta o esforço feito por ele para entrar no grupo e a dificuldade em escutar algo que nomeasse esse rechaço.

Apesar de todos os esforços e de uma história que não passa pelas questões da minoria e nem da raça, apesar da sua branquitude, ele não fazia parte, ele não entrava, não pertencia e nem era pertencente. “Não se sentia acolhido”. Podemos afirmar que havia ali um grupo e que ele era o estrangeiro. Ele afirma algumas vezes: “Não sei porque eles não gostam de mim, deve ser porque sou próximo da professora, deve ser porque sou bom no que faço” as questões da raça, no primeiro momento, não recaem sobre esse jovem tal qual não recaí para a moça que se considera branca no texto “Meus dias de branco”.

Com isso podemos afirmar que antes de se saber negro ou tornar-se negro a pessoa pode não ler o racismo estrutural que está ao seu redor ou, inclusive, acreditar que há

uma diferença entre os corpos e que ao se tornar branco ele estaria livre de qualquer injúria.

Esse jovem, a partir da análise, desiste de entrar no grupo de laboratório, trata de outras questões e começa a fazer novas parcerias, em um fim de semana saí com os colegas da faculdade, novos amigos, e ele é levado a um restaurante em que os negros estão presentes, mas, estes negros não estavam na posição de subalternos, não estavam servindo. “Assim, ele vê pretos no restaurante, conversa com eles e, estes o acolhem, ele faz laço de um modo diferente daquele que ele estava habituado, para além do estudo e do saber, se identifica com eles, afirmando uma certa identidade nunca percebida. E, na sessão diz: ‘Agora sei que sou negro’ sentindo-se pertencente”. Podemos afirmar, neste fragmento, que ocorreu ali, para aquele sujeito um instante de ver, de compreender e de concluir, dentro de um coletivo que se sabia negro. Essas pessoas que ele encontra sabiam-se negras, não estavam mergulhadas na branquitude, se auto-nomeavam e, é nesse balé que ele pôde se apropriar de uma conclusão, “sou negro”. Esse momento de concluir não é rígido, mas, ele passa a estar em um lugar fora do estrangeiro, lugar diferente do que ele se encontrava anteriormente. Nesse balé os negros eram semelhantes a ele: eram estudantes, colegas, bonitos e marcavam seus lugares com o saber. “Você é um homem bonito”

Nessa dança ele pode saber-se negro. Após essa cena, ele constrói um coletivo negro na faculdade que responde por um tempo às suas questões, até ele se retirar dizendo que o que foi construído ali não responde mais, isso não quer dizer que as questões sobre si mesmo foram respondidas, ele continua em análise onde várias cenas e momentos que sofreu racismo apareceram. Estas não eram identificadas anteriormente. Muitas tinham sido esquecidas, outras não tomou para si, não considerando essas cenas racistas no momento em que as viveu.

III

Algo surgiu há pouco tempo nesta análise, que implica, a partir do momento que ele se reconhece negro, uma pergunta sobre o seu lugar na cidade, esse ponto de se sentir estrangeiro: Esse analisante chega muito incomodado, pois, passa em uma residência muito concorrida, em uma área que implica um investimento, não é um problema pra ele, como havíamos relatado, estudar e ser um ótimo estudante faz parte do seu sintoma, mas, ao entrar nesta residência ele não é acolhido. A diferença é que desta vez ele sabe de algo, assim, os significantes que se apagavam, caíam, ele passa a escutar. Esses significantes ditos pelo outro recaem sobre o seu corpo. Diferente do primeiro encontro, com o grupo do laboratório, em que ele não entende o porquê da hostilidade e da falta de parceria, desta vez ele nomeia, questiona, mas, isso não o deixa tranquilo.

Angustiado ele traz para a análise o que dizem sobre seu cabelo, sobre o seu corpo. Ele diz: “eles estão sempre me dizendo para cortar o cabelo mais curto, enquanto que tenho um colega loiro que tem o cabelo um pouco maior que o meu”, “eles não são tão bons, mas, estão sempre conferindo o meu trabalho, só que sempre faço bem, esse não é o meu problema” Afirma que seu saber nesse lugar precisa ser sempre garantido, pois, mesmo conseguindo responder as questões, mais que os colegas, ele acredita que não basta, não somente pelo obsessivo que é, mas, se compara a uma colega branca, se vê tendo que lidar com um racismo “velado” e se angustia, pois, começa a se ver feio, fala

do corpo, do cabelo, mas, não se vê mais branco, sabe-se negro e questiona como ter um corpo e fazer uso dele, sabendo-se negro.

Os três prisioneiros “reconhecem entre si como sendo homens” (LACAN “o tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: Um novo sofisma p. 213). O que é muito distinto de um deles se reconhecer branco em detrimento dos outros que serão os ditos negros e que associamos ao gesto do colonizador.

Não, aqui, trata-se de uma nomeação que surge a partir de uma dança, um “ballet” entre os três.

É um ballet, uma dança. Mas ao modo Pina Bausch. É uma dança porque o gozo, aqui, não é mais um furo, vazio, mas um gozo que se apresenta em um jeito de corpo. É cada um com o seu movimento, seu gozo de falante, mas que, por um segundo, pode se apresentar como coletivo. Segundo o apólogo: vejo nos outros a possibilidade de sermos humanos, iguais. Se for assim, porém, vou desaparecer na multidão de formas disformes do real. Preciso, então, me afirmar por medo de não ser humano, assim me nomeio e me excetuo, não sem os outros que comigo dançam.

(Vieira, M. A. “E de alguns outros...”).

VI Sobre a resistência



Após esboçarmos uma interrogação sobre uma forma lacaniana de contribuir com os coletivos ao modo do aquilombamento, seguimos apostando em perguntas que ao menos, ponham uma pulga atrás da orelha dos que nos ouvem.

Ao lado do laço-dança n ballet dos três prisioneiros, pensamos em situar o laço-resistência.

O que seria a resistência para a Psicanálise e a que ela nos serve? Usamos o *Seminário 2* de Lacan, em que ele destaca a resistência do analista à psicanálise e o livro *Tornar-se negro, Devir Sujeito* de Cristiane Ribeiro, colega do "Ateliê Psicanálise e Segregação" do Instituto de Saúde Mental e Psicanálise de Minas Gerais, na qual reconhecemos toda construção e percurso de trabalho que implica elaborar e praticar a partir de sua própria trajetória e história.

Vamos abrir nossos questionamentos com um jogo de perguntas e respostas:

Na cidade

- O que *resiste*?

No senso comum, e com valor positivo: o que é firme, o que *luta*.

Mas, no nosso caso, fascista e escravagista a resistência é mais vital. Pois o Outro mata.

- O que *mata*?

Sim, “a palavra é a morte da coisa”, como no famoso aforismo de Lacan, mas apenas se a morte, nesse caso, for parcial. Lacan se refere à uma mortificação estrutural do sujeito e não à sua morte (S1-S2 = S_j hiância).

Em nosso país há palavras que matam, “nomeações predicativas” (Cris R.). O nome “negro” como predicado, como nome de uma essência menor, vil, pobre etc).

Podemos dizer que “há uma determinação na morte” do corpo negro e de tudo que lhe cabe: a bala (que nunca foi) perdida, a guerra do morro, a violência de Estado, da Religião.

Há a violência sempre da mesma morte, a morte do corpo-negro e, portanto, do que, nele é sujeito, mas vivemos assim... “seguido insistentemente com a vida”

- O que *sobrevive*? O que luta, e coletivamente, ok, mas...

- *Há como sobreviver por outros meios também que não apenas os de luta?*

Em análise

Agora, vamos ver o que diz Lacan sobre a resistência, como uma ferramenta em análise.

- O que *resiste*?

Agora o termo terá valor pejorativo (anti-analítico). Resistir é ter um saber *a priori*... É o analista que acha que sabe quais são os “objetos sexuais” do analisante.

Ele acha que *interpretar* é mostrar, apresentar e dirigir o analisante para esses objetos dizer para o analisante). Por isso a frase célebre: A resistência é do analista (= *manexplaining*)

A frase de Lacan: “existe apenas uma resistência, é a resistência do analista”, p.286. Lacan diz que essa resistência acontece quando o analista sem saber o que ele faz, começa a interpretar, mostrando, definindo, para onde o analisando vai. Qual percurso ele vai fazer e dando uma resposta e um caminho.

Não seria um modo de resistir do analista quando ele banaliza as questões dá raça e lê somente como uma paranoia, não dando lugar ao que pode ser escutado ou dito sobre isso pelo analisante? Querendo dirigir o analisante para uma desidentificação?

O que seria uma resistência que implique um tanto de saber sobre si mesmo? Em que resistir implique existir para além de sobreviver?

Diante disso, Lacan não propõe uma “boa” resistência, uma resistência de luta, por exemplo, mas outra coisa.

Ao jogo da resistência (de luta ou de saber) Lacan vai opor outro:

- O que *insiste* em análise?

O “ainda não nomeado” do desejo, aquilo do desejo que se repete, não cessa, impulsiona, insiste sem consistir e que faz andar a vida.

Isso que insiste, mas não consiste, pode, no entanto vir a se instituir ganhar concretude. Só que não o fará por meio de uma essência, da descoberta de uma criança perdida em nós mesmos com quem conversaríamos a nos perdoaria, por exemplo. Não, será por outro meio. Em vez de consistir o que resiste por insistir sem se instituir, ganhará existência. Mostrará sua cara, sem que possamos dar-lhe uma essência. Será um fragmento, um pedaço de memória, por exemplo, que remete a uma criança que nunca fomos e que nunca existiu, mas que por se apresentar, já nos libera da culpa de nunca termos, por exemplo, conseguido realizar os sonhos que um dia sonhamos por anos mesmos.

- Como o que insiste passa à *existir*?

O que é *nomeado* (o desejo) e que, então, passa a existir.

A *interpretação* agora é nomear o que temos em nós, mas que, sem nome só podia insistir.

Lacan distingue, então, três realidades clínicas distintas:

- 1) O que tem essência (cf. Miller, J. A. O ser e o Um)
 - 2) O que tem existência (não são a mesma coisa).
 - 3) O que existe como abertura, ex-sistência, a partir de uma nomeação interpretativa.
- 1) S1S2 Essência fixada (Identidade rígida): preto é pobre, holófrase de essência “reduzir a um signo” (Cristiane Ribeiro)
 - 2) S1-S2 sujeito é sem essência, é presença de uma ausência (o sujeito/desejo é o que insiste na cadeia significante, mas nunca consiste em nenhum de seus elementos)
 - 3) S1 com S2 em aberto (= S1 Encruzilhada (cf. Cristiane Ribeiro) (= sobredeterminado de Freud?). Nomeação, aqui, é presença de uma ausência, existência

Resistencia do desejo, resistência ao desejo

Alguns exemplos, adiante, sobre a resistência do povo negro, pequenos fragmentos encontrados no livro de Ribeiro, nos ajudarão a separar isso destacado por Lacan acima:

- 1) O que seria a resistência do senso comum, essencialmente de luta, necessária à sobrevivência, tanto a resistência individual quanto aquela que se constrói coletivamente e,
- 2) O que seria a resistência que implica uma insistência e a partir dela, uma *existência*. Uma existência que insiste em viver, diferente de sobreviver ou se defender.

O sujeito tem direito a resistir tanto na vida quanto na análise, quem não pode resistir é o analista. Uma é a resistência *do* desejo a outro a resistência *ao* desejo.

Exatamente por isso a estratégia em análise é tão importante. O cálculo da transferência, que implica o coletivo, o racismo, para chegarmos ao que é mais singular e que, por isso mesmo, resiste.

Por isso, devemos ler, reconstruir o romance familiar, o particular de uma história sem banalizar ou foracluir o que ali se diz sobre o que acontece com os corpos coletivamente. Nessas experiências compartilhadas, todos os dias pelos corpos negros, no relato dessas experiências, estará o singular, o sujeito que nos interessa, entocado, é preciso estarmos abertos a ele. “Somente quem sofre um ato discriminatório ou segregatório é capaz de descrever qual o grau de devastação, as angústias e os traumas que ele mobiliza” (Ribeiro), no entanto, esta discriminação nunca será vivida ou sentida da mesma forma,

os afetos sentidos e reconhecidos a partir dela serão tratados, pelo psicanalista no um a um.

Estratégias

Extraímos do livro de Cristiane o que entendemos como uma resistência que implica uma sobrevivência. Existir e não morrer. Ribeiro ao fazer um trabalho, em 2017, no Complexo da Maré em Nova Holanda traz em seu livro a experiência da invasão da polícia do Rio nesta comunidade, o Caveirão e, o modo como os policiais circulam nas ruas, mas, o que nos interessa é o grupo de mulheres que vão seguindo o Caveirão e que diziam “levem eles para o batalhão”, “nós não vamos sair daqui”, “vocês não vão matar eles porque estamos aqui” (p. 57), prosseguindo a caminhada até o batalhão.

Depois relata (p. 58) a estratégia criada por essas mulheres para não perderem seus filhos e companheiros. Para que eles sejam tratados de forma digna. Ela relata que essa estratégia vinha amenizando as mortes antecipadas, mas, é uma estratégia em que essas mulheres colocam o próprio corpo e são agredidas moralmente e fisicamente pelos polícias. Podemos afirmar que essa resistência, é uma resistência necessária, vem uma força sobre as pessoas e essas precisam resistir. Mesmo que seja colocando o corpo. Para poder estar no mundo.

As várias estratégias descritas por Ribeiro neste livro, mostram uma comunidade que para sobreviver e viver se coloca, mesmo de forma não consciente a se defender quase que o tempo inteiro. Para que não tenha seus corpos completamente destituídos tratados “pior que bicho” como é dito no livro.

Uma resistência que implica uma sobrevivência, talvez uma resistência que inclua os corpos e o Imaginário de uma outra maneira, incluindo, neste caso, o simbólico como nos mostra a descrição da página de *Facebook* “Maré Vive”, p. 64, que inclui uma defesa, uma resistência pelas invenções e soluções, pois, a página é acessada, por exemplo, para as mães verificarem como levam ou buscam as crianças na escola, para que essas possam encontrar um caminho mais seguro. Se podem ir pra casa ou precisam encontrar novos caminhos.

Podemos afirmar que o corpo negro brasileiro e os povos originários para estarem vivos com toda a história possível, sem ser completamente apagada, criaram essas estratégias que implicam um desenvolvimento civilizatório que não vai diretamente para o embate, são as estratégias criadas a cada vez. Podemos dizer que são estratégias desenvolvidas coletivamente para sobreviverem as ameaças constantes do Estado. Como afirma Ribeiro sobre a “Maré Vive” “Essa comunidade parece ter conseguido construir um dispositivo que traduz uma experiência de segurança cidadã comunitária, em uma sofisticada tecnologia social de uso não violento do Simbólico”. Podendo aí criar um jeito de resistir existindo.

O outro coletivo descrito por Ribeiro é o “Mães de Luta MG” que apresenta uma luta coletiva constante em que vive uma história de denunciar o Estado e a violência causada por eles e seus agentes aos seus filhos e companheiros negros, seja na prisão ou não, pela morte dos mesmos ou pura violência. Uma morte que sempre vem acompanhada de muita violência, desrespeito, tanto dos jovens filhos e companheiros quanto das

mães e mulheres que são destratadas e desrespeitadas a partir do momento que tem estes homens presos ou mortos pelo Estado.

- 1) As mães de Luta (A própria formação do coletivo seria um trabalho de luto? É um luto? Acho que aqui é o coletivo Mães de Luta, isso?
- 2) Ou, ao contrário, impediria o trabalho de luto, mas, apesar disso seria uma solução subjetiva essencial para aquelas mulheres?

O corpo-morro de Benilda

O corpo-morro grita em línguas incompreensíveis ao resto do mundo suas dores e suas alegrias. Faz das pernas asas que voam em passinhos e, dos pés, lápis que rabiscam no chão, raízes ancestrais. E talvez seja por essa razão que insistem em matá-lo. Só que ninguém entende, mas, o corpo-morro é apaixonadamente viciado em viver.

Trecho do texto “Becos de veias” de Camila Rocha e Stéphane Marçal,³ que está no livro “Decolonização e psicanálise: a psicanálise em elipse decolonial” (org. Andréa Guerra, 2022, pg. 105).

Resistir para existir: A escrevivência de Benilda Brito, trazida por Ribeiro demonstra de forma viva a resistência que implica a vida, não somente a sobrevivência e o efeito do coletivo, que, nesse caso, demonstra-nos o efeito do encontro do coletivo e da militância para aquela pessoa.

“Minha avó era mãe solteira (...). Ela engravidou do meu avô e fugiu para não se casar com ele. Ela falava que nasceu para ser mãe e não para ser esposa” (Ribeiro, 2022 p. 88). Benilda, para falar da sua história, conta da ancestralidade, do Romance Familiar o qual pertence, ser a querida da avó “a predileta” e ser defendida por esta faz com que Benilda se pergunte sobre o próprio lugar no mundo.

Essa avó de 1916 coloca na sua história e a posteriori na história de Benilda uma resistência para a existência. Para existir, assim, por mais que a morte ronde os corpos destas mulheres negras, a resistência descrita por essa avó ao dizer que nasceu para ser mãe, mas, que não nasceu para ser esposa, toca uma resistência e uma fuga não presente mais ao senso comum. Tem algo que podemos afirmar que se apresenta como alguém que não está submetida e nem alienada em sua época.

Benilda, em seu relato, vai nos contando sobre os encontros com o coletivo. O coletivo “Movimento Negro” e avisa: “Porque todo mundo nos pesquisava e como não ‘sabíamos falar’, as pessoas usavam nossas falas e levavam para dentro da academia. E não tínhamos retorno. Então, começamos a entender que tínhamos que estudar”. Podemos dizer que diferente das mulheres da Maré, vemos o efeito do coletivo neste um. Que não é algo só para se defender, mas, para existir de outro modo.

Podemos afirmar também que são resistências diferentes e que uma não se sobrepõe a outra, que podem usar o simbólico e o corpo como algo de uma posição política sem ser estar no lugar da vociferação e da violência que estamos acompanhando, por exemplo, nestas eleições de 2022. Em que o uso da palavra, em que tomar a palavra pode ser um ato perigoso, que implicam respostas violentas, sem nenhuma pergunta.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=Q-QU00icqvA>

VII. Acontecimentos políticos de corpo



Boa noite!! A todos, todas e todes!

É com alegria que encerramos hoje o Seminário Psicanálise e Política. Depois de vivermos um intenso mês de eleições, a qual saímos vitoriosos e com bela vitória, Jornada EBP-Rio e final de semana no Encontro Brasileiro de Psicanálise do Campo Freudiano com o tema Analista: Presente!

Como vimos, esse tema pôde ser lido para além da Pandemia e do Online. A pergunta que se presentifica, que precisa ficar viva, é como que o analista está ou estará presente diante dos vários desafios de nossa época, tratados inclusive durante o ano em nosso Seminário: os novos laços sociais, o que circula na cidade, o novo Imaginário e de qual inconsciente precisamos tratar em nossa na atualidade. Como ler o Inconsciente.

Estamos a trabalho!

Trabalhamos no Seminário "Psicanálise e Política", as questões sobre o racismo à brasileira. Qual a leitura psicanalítica destas questões, lendo o que é novo no laço social, sobre o novo Imaginário e como isso poderia ser localizado nos coletivos, pois, podemos dizer que a particularidade das tribos precisa ser levada a sério, lendo também o que é novo no caso a caso.

Em nosso primeiro encontro demos um panorama do que gostaríamos de trabalhar, tateando..., já que, podemos afirmar que a cada encontro, nós também, precisávamos nos perguntar sobre o que foi construído, escutando e verificando qual caminho precisaríamos percorrer.

Trouxemos o passe de Marina Recalde em que o significante: "negra" a nomeia em um novo lugar, trouxemos um fragmentado de caso clínico em que o sujeito se reconhece, se dá conta da sua negritude na faculdade e, só assim, consegue escutar os vários momentos que sofreu racismo, se deu conta de seu corpo e de sua pele. Em que ser um homem gay na família não era um problema, mas, ser um homem negro sim.

Decidimos usar como guia o corpo negro, pois, é a carne mais barata do mercado, é um corpo a ser morto, em que a bala nunca foi uma bala perdida, ela tem endereço. Esse guia tem importância crucial, pois, é um corpo que traz uma história social que atravessa o Romance Familiar. Assim, decidimos por isso desde o início e trabalhamos com os fragmentos de casos clínicos, conversações e coletivos.

Como diretriz tínhamos a ideia de verificar, orientados pela psicanálise, o efeito dos significantes sobre os coletivos e sobre os corpos de cada um.

Hoje ao trazermos o Testemunho de Passe María Cristina Giraldo, pudemos através dele escutar as questões raciais de uma nova maneira, pois, nossas especulações, hipóteses se apresentam em um Testemunho de Passe. Isso é caro a nossa comunidade. Escutar esse testemunho, o Testemunho de uma colega que fez a sua experiência em análise ser escutada por um Cartel, mostra-nos que não é sem consequências existir em um país que nasceu sob a égide da violência racial.

Nesse testemunho vemos que o racismo a brasileira está presente no Romance Familiar, não é uma leitura somente social ou de uma política fora da lógica psicanalítica. Pois, podemos afirmar que é só assim que a psicanálise pode reconhecer o racismo quando ele incide sobre o sujeito naquilo que é mais íntimo.

Para a psicanálise a oposição, a luta política implica o sujeito em sua existência. Isso acontece em qualquer testemunho seja de brancos, negros ou pardos... Há uma luta interna do lugar do sujeito e sua nomeação, a diferença é que há neste significante, trazido por Giraldo, uma sobrecarga social. Não é só mãe, a avó que colocam em Maria Cristina o significante "negra", é uma sociedade inteira que trata a negritude como o pior.

Isso que aparece além da família é que leva essa mulher para a análise como nos conta Helenice de Castro no Encontro Brasileiro de Psicanálise do Campo Freudiano, pois, ela procura uma análise quando o homem branco, nórdico, o bebê Johnson, do Ideal materno, o qual ela tenta responder fazendo parceria com ele, diz a ela: "como vou namorar com uma mulher negra?"

Uma nota de rodapé: Ontem digitei no Google "bebê Johnson" e até hoje vemos, em sua maioria, a imagem de crianças brancas, loiras, mesmo sendo uma marca usada até hoje pelos bebês.

Em referência a esse parceiro de Giraldo muitos de vocês podem ter pensando: que horror! Mas quando vamos em alguns lugares sociais e olhamos ao nosso redor vemos

ainda casais em sua maioria brancos. Encontrar casais negros ou inter-racial não é tão simples ou presente, por exemplo, na comunidade psicanalítica ou nas camadas sociais mais abastadas. São e somos, nós negros, considerados exóticos. Um traço a ser observado.

A mãe de Giraldo via o cartaz do bebê Johnson sonhando com uma criança branca, a qual a avó procurava em cada bebê a mancha escura que indicava se a criança iria escurecer ou não a pele. O significante: “negra”, vem desde sempre como uma injúria que atravessa o Romance Familiar, muito diferente, por exemplo, de outro Testemunho de Passe o de Maria Josefina Fuentes, em que Pepita, significante considerado por muitos um significante caro, belo e chic é trazido por ela na voz do avô um significante ruim, é um bagaço, algo a ser descartado, jogado fora. No Romance Familiar de Maria Josefina Fuentes vemos um significante a ser lido de várias maneiras. No caso de Giraldo “negra” tem um sobrepeso social.

A sua entrada em análise após o encontro com esse homem mostra a ela o rechaço do Outro materno, um rechaço ao qual ela precisou se separar em sua análise deste modo de gozo transmitido pela mãe e da tentativa de responder ao Ideal materno, pois, ela afirma “o significante inominável da injúria materna fez marca no meu corpo de falante de mulher (...) nascer mulher e da minha cor equivalia a portar a mancha invisível que a avó buscava no bumbum de cada recém-nascido, a que enunciava o escuro da pele e, com ela, ser a mancha no ideal materno”

O inconsciente tem cor

Marcus André Vieira

No testemunho de Passe de Giraldo, o Outro de MC Giraldo, encarnado em sua mãe, era “de ferro”. Para que MC e seu irmão não chupassem o dedo ao dormir, por exemplo, suas mãos eram atadas. Quando conseguiram se desvencilhar à noite, acordavam com pimenta e alho nos dedos. E se ainda assim insistissem, calhas de gesso foram usadas para impedi-los. Que não se coloque, porém, tudo na conta de uma mãe especialmente repressiva ou sádica. Vemos como ela é produto de seu meio quando exige da filha que realiza o ideal do “bebê johnson”, fazendo tudo para apagar a mancha negra que marca a família, inclusive casando-se com um homem branco “europeu”.

Esse Outro é o da estruturação fantasmática de MC. O acontecimento de corpo assinala, porém, o ponto em que essa fantasia se abre a algo mais, que lhe excede. É um tanto de vida, de gozo, corporal, mas não mais delimitado pelo imaginário da fantasia. Ele se apresenta quando o programa de gozo da fantasia falha e o gozo se apresenta assim, sem o sentido fantasmático da repetição. É o disfuncional da gente quando o que disfuncional, o sintoma, desvela que a vida é perturbação.

O acontecimento de corpo, portanto, não se estabiliza em uma imagem fixa, um sentido específico. Como falar dele sem cair em abstrações? Afinal ele é concreto corporal, também efeito de linguagem, mesmo que não tenha sentido ou forma fixa. É mais língua, fragmentos de fala, do que discurso estruturado.

Ela escolhe destacar, do corpo, a voz e a abertura que ela sofreu a partir do que era em seu discurso fantasmático. Poderia ter sido o objeto oral, o dedo, por exemplo, ou o corpo como sombra, sua identificação com o pássaro, todos insígnias fantasmáticas fortes. Ela não deixa de falar em uma subversão da sombra, que sempre tinha sido, com

relação ao pássaro que alça voo ou da mulher que se tornou a partir disso. Mas ela escolhe a voz para localizar o acontecimento de corpo.

Ela sempre tinha sido, a partir de seu Outro de base, de uma voz firme e sempre se sentira obrigada a dizer a verdade. A expressão que o sintetiza era *cantar las cuarenta* que significa dizer a verdade doa a quem doer. O gozo de *Cantar las cuarenta* será subvertido por um cantar diferente, que ela chama de um *estiramento* da voz. É uma modulação específica que talvez só ela reconheça, não é um fenômeno objetivo, mas é aquilo que marca o quanto sempre podemos viver o que não é o que nos constitui e realiza na vida, mas que mesmo assim nos habita.

O acontecimento é esse corporal aparecer no corpo, torsão. O acontecimento de corpo de M C Giraldo é o que ela chama de estiramento da voz (*esguince de la voz*).

Os acontecimentos *do* corpo são fenômenos corporais da fantasia e do gozo da repetição, enfim, do modo como ela tornou-se mulher em seu meio. Já o acontecimento *de* corpo é uma experiência limite, no limite da experiência e que ela nomeia como *estiramento* (ou entorse segundo algumas traduções) da voz. Isso existe? Não, mas se antes insistia como possibilidade de vida, agora ex-siste, não mais como a sombra do que ela poderia ser, mas como a realidade do que nela é quando está sendo outra para ela mesma.

Qual o lugar do Outro nessa voz? É o do Outro só que *estirado* ou *entorseado*. E essa é ao mesmo tempo a materialidade do que ex-siste à cena. A fantasia se vê atravessada pelo gozo do *sinthoma* e a língua materna pelos fragmentos de *lalíngua*. Tanto o avô quanto o gozo tornam-se meio inconsistentes, mas sem ele e seu jogo, nada de Outro gozo.

Não deixa de ser do imaginário que estamos falando, ou melhor, de alguma coisa que insiste *entre* real e imaginário. Estamos falando de uma dimensão em que o imaginário se inscreve no real para só então articular-se com o simbólico.

Em que ele é político? Difícil dizer, mas a subversão que promove no Outro, sua abertura à contingência de outras possibilidades de existência, não deixa de ter efeito na cidade para além do que viveu MC, afinal diz respeito as marcas do Outro, racista, por exemplo, que recebeu de sua mãe.

Escutar o significante foracluído

Renata Mendonça

O significante, melhor dizendo, esse predicado “negra”, pois, não só mulher e sim mulher negra, precisa ser escutado pelos psicanalistas. Estou falando o “negrea” de M. C. Giraldo em seu passe, mas não só. Não escutá-lo é não dar voz à história de Maria Cristina Giraldo. Essa é a novidade de nossa época: não é um significante a ser descartado, jogado fora, foracluído da história do sujeito. É um significante a ser escutado. É preciso dar lugar a esse significante não para colocá-lo no zênite, no apogeu da lógica militante, mas, para tentar extrair de cada sujeito como que esse significante marcou a sua história particular. Para se tornar um ponto a ser atravessado e não excluído.

Assim, como disse Marcus André Vieira e, antes dele, Isildinha Batista, o inconsciente tem cor, pois, como nos ensina esse Testemunho de Passe, a cor da pele de Giraldo não é sem consequência para ela. Nascer branco, penso eu, também não é sem consequência, pois, implica aí a cor do Outro, do corpo mestre, do colonizador, como havíamos dito muitas vezes neste Seminário. Somos todos iguais ou irmãos, implica: somos todos brancos. Algo que os testemunhos de passe, até o momento, não puderam trazer enquanto uma questão.

Assim, essa dicotomia “negro e branco”, precisa ser revista e reconhecida, pela psicanálise, não como uma diferença social, paranoica, mas, como algo que recai sobre os sujeitos. Diferente da militância que afirma: “Você é negro!”, “você é branco!” A psicanálise, muito mais sutil e justa à nossa política, à ética psicanalítica, que é a do inconsciente, pode escutar as pessoas que chegam nos consultórios aguardando o que ela pode dizer sobre isso. Sem a exigência da militância, da psicologia social, ou da política, nesse caso a do Estado e da ciência, ligada, por exemplo, à branquitude. Ao Ideal de corpos.

O analisante traz para o analista o significante da injúria ou o significante que marca o seu corpo e, esse significante precisa ser levado a sério. E, o analista, com seu desejo, tratando a sua resistência em escutar estes significantes que se apresentam na atualidade e na cidade, tem como ética escutar, perguntar sobre a história e o inconsciente do analisante, pois, o endereçamento a um analista pode ser identitário ou não, pode ser especular ou não, mas, cabe ao analista saber o que fazer com isso. O analista: presente! É isso.

Como escutamos no fim de semana “temos em nossas salas de consultório, hoje, um elefante branco” (M. Veras) e ele não é branco atoa, já que o racismo é coisa de branco. Essa foi a invenção feita pelo colonizador, ele vai até as outras tribos e decide: “você é civilizado! Você não! Você é branco, você é irmão, você precisa viver, você não!” Essa decisão tomada pelo corpo do mestre precisa ser lida por nós psicanalistas, pois, tem algo de nossa prática que pertence só a nós e a mais ninguém: a leitura do inconsciente.

Assim, o que podemos concluir no final deste Seminário que é um trabalho, um trabalho que Maria Cristina Giraldo nos mostra em seu testemunho. Esse trabalho não pode ser banalizado, foracluído do nosso consultório, pois, não bastou a ela se perguntar sobre o seu lugar de mulher, ela precisou levar para a sua análise o seu lugar de mulher negra, precisou levar o que essa mãe queria dela. A mãe não queria um menino, ela queria um bebê Johnson, um bebê branco, uma marca no corpo que vem muitas vezes pelo cabelo, pelo nariz, pela cor dos olhos... pelo branqueamento da raça. Mas muitas vezes nenhum desses traços “salvam” o sujeito de sua negritude. Muitas vezes ele é um negro retinto. Ser dentista, analista, médico não salvam esse sujeito de sua história, ou ele não tem isso para ser salvo, esse véu sobre sua pele não pode ser colocado ou ele já fez análise o suficiente para não se deixar enganar por isso. Assim, o que cabe ao psicanalista é ler a cada vez, seja nos coletivos em forma de conversações, o que cada pessoa pode dizer de sua história e dos usos do que se apresenta em nossa época.

Essa leitura discreta, afiada e precisa podemos supor ou afirmar que cabe à psicanálise.

Quero aproveitar esse momento para agradecer o convite de Marcus André para estar com vocês nesse ano e sua parceria nesse trabalho. A acolhida da seção Rio e, dizer que me vejo hoje uma participante viva e presente da EBP Rio, da EBP Minas... Da EBP.

Referências

- BROUSSE, Marie-Hélène. O Inconsciente é a política. Org. CARMEN Silva Cervelatti, 2 edição S.P. Escola Brasileira de Psicanálise, 2018/2022.
- CAMILA Rocha e STÉPHANE Marçal Guerra, A. Becos de Veias. In: “Decolonização e psicanálise: a psicanálise em eclipse decolonial” Organizado por Andréa Guerra (2022 pg. 105).
- CARVALHO, Rodrigo Lyra. Esconderijos do tempo O tempo lógico de Jacques Lacan e suas coordenadas coletivas. Ano 2008 http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2008_f3714482edc7d13ce512a63700a7e3f1.pdf
- CASTRO, Helenice Saldanha. Notas sobre a dimensão política do corpo, p.79 Revista Correios 87: Estava Escrito. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise.
- CIDA, Bento. O pacto da branquitude S.P. Companhia das Letras ano 2022
- DUARTE M. (ORG.) Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta, uma antologia. Ano 2019. Editora Planeta
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. (1952/2008) Salvador: editora Edufba – Editora da Universidade Federal da Bahia. (p.27)
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. (1921). In: Cultura, Sociedade, Religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica 2020. p. 137
- GIRALDI, Maria Cristina. “Três perguntas sobre o Passe”. *O campo do Uniano*.
- LACAN, Jacques. (1966/1998) *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* In: *Escritos* Rio de Janeiro: ZAHAR, p.238 - 324
- LACAN, Jacques. (1966/1998) *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma* In: *Escritos* Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998, p.197 – 213.
- LACAN, Jacques. *Os quatro discursos* In: *Outros Escritos Radiophonia*, p. 447 (pergunta VII)
- LAURENT, Eric. (2014) *Racismo 2.0* Lacan Cotidiano 371 <http://ampblog2006.blogspot.com/2014/02/lacan-cotidiano-n-371-portugues.html> Acesso 25/05/2023
- MBEMBE, Achille. (2013/2018) *Crítica da razão negra* São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MILLER, J.-A. Los usos del lapso. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 369. 34)
- IDEM (2016/2022) *Racismo e extimidade*. Revista Derivas analíticas – Revista digital de Psicanálise e Cultura da Escola Brasileira de Psicanálise – MG Número 17 ano 2022. http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/accordion-a-2/o-entredois-ou-o-espaco-do-sujeito#_edn2 Acesso (25/05/2023).
- MUNANGA, K. “As ambiguidades do racismo à brasileira” p. 33-44 In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. Org. KON, N. M., SILVA, M.L., ABUD, C.C. 1ª edição editora Perspectiva ano 2017.
- IDEM. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. R.J. Editora Vozes Ano 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 4ª edição S.P. Editora Perspectiva ano 2016
- IDEM, *Quilombismo*
- NASCIMENTO Beatriz, Afrodiaspora, https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4408010/mod_resource/content/2/NASCIMENTO-Beatriz_O%20conceito%20de%20Quilombo%20e%20a%20resist%C3%Aancia%20cultural%20Onegra.pdf

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.), *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*, Rio de Janeiro, FGV, 2002.

PORGE, E. *Psicanálise e Tempo: O Tempo Lógico de Lacan*. Ano 1994. Editora CIA de Freud.

RIBEIRO, Cristiane. *Tornar-se Negro: Devir sujeito*. Ano 2022 Editora Sankofa

RIBEIRO, Mariana Mollica da Costa. ROSA, Nayara Paulina Fernandes. ASSIS, Geisa. A constituição da massa colonial e a estrutura coletiva do quilombo. *Revista Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Ano XIV, no. spe. p. 73-90.

<https://ojs.uva.br/index.php/trivium/article/download/288/230>

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. (1983/2021) Editora Schwarcz – Companhia das Letras.

SCHUCMAN Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: Branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. 1ª Edição S.P. Editora Amablume, ano 2014.

RECALDE, Marina. Cinco conclusões para chegar a um final. *Revista Arteira revista de psicanálise nº 8 ano out/2016 Escola Brasileira de Psicanálise – seção Santa Catarina*
<http://revistaarteira.com.br/images/pdf/Arteira-8.pdf> (25/05/2023)

VIEIRA, Marcus André. *Meus dias de Branco* Revista Correios Express: Revista eletrônica da Escola Brasileira de psicanálise 18 de abril de 2022.

https://www.ebp.org.br/correio_express/2022/04/18/meus-dias-de-branco1/ (25/05/2023)

IDEM *O que se cristaliza em uma identidade*, Latusa, 27.

Anexo

POLÍTICA LACANIANA (textos de referência)

(referências reunidas por Anamáris Pinto a partir do trabalho de um cartel da EBP-MG)

“O TEMPO LÓGICO E A ASSERÇÃO DE CERTEZA ANTECIPADA” (1945)

Jacques Lacan, “Escritos”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Ver p. 213.

Contexto: solicitação em março de 1945 - Foi escrito para a revista *Les Cahiers d'Art*.

“LA LOGIQUE DU FANTASME” (1967)

LACAN, J. La logique du fantasme. sem. XIV

_____ . 26 de abril de 1967 p. 228. Lugar do Outro / corpo

_____ . 10 de maio de 1967 p. 236 “O inconsciente é a política”

_____ . 31 de maio de 1967 p. 260 “O inconsciente é o discurso do Outro”

Acesso restrito:

<https://docs.google.com/document/d/1Ry-JLT4EeoljivZ8EGYFSnGfNjHvY2hk/edit?usp=sharing&oid=115946599584689390741&rtpof=true&sd=true>

“TODOS LACANIANOS” (13/12/1979) Jacques-Alain Miller

Contexto: Por Jacques-Alain Miller. (Versão utilizada no Cartel: *Excision, excomunió, disolució*. Parte II da disolució. Buenos Aires: Manantial, 1987. p. 246 -250.)

<https://drive.google.com/file/d/1AkS3YSDlduMp91GE7oqwtAekZFRxEVwu/view?usp=sharing>

“AFFECTIO SOCIETATIS” (01/1994) Jacques-Alain Miller

Contexto: Por Jacques-Alain Miller, no Rio de Janeiro, na ocasião da mudança do Setor em Sessão Rio da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano, em formação. p. 557 (Versão utilizada no Cartel: *Lacan Elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. p. 551 -558.)

O texto em pdf na internet:

<https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/jacques-alain-miller-lacan-elucidado-palestras-no-brasil.pdf>

“ENCHIRIDION DO PSICANALISTA MILITANTE”, 1996/1997

Jacques-Alain Miller

Contexto: Por Jacques-Alain Miller. Textos escritos durante a sessão 1996-97 do colegiado do Passe da ECF. Nessa circunstância instalou-se uma crise na ECF, tinha relação com o que foi chamado “a guerra dos cartéis”. Nessa circunstância é colocado em pauta um certo disfuncionamento quanto ao processo de nomeação do passe.

Publicado na Revista Opção Lacaniana n.28

<https://drive.google.com/file/d/1XhRBbHKEXB4fj6cGZGI51nRW1h2KTIpz/view?usp=sharing>

EL PSICOANÁLISIS, LA CIUDAD, LAS COMUNIDAD

07/06/1997

Jacques-Alain Miller

Contexto: 07 de junho de 1997. Por Jacques-Alain Miller em uma Conferência em Nîmes. Publicado originalmente em 1998 na Tábula n.2 – boletim da ACF – Voie Domitenne. (Versão utilizada: Revista Lacaniana de psicoanálisis - *El demônio del pudor*. EOL, año XII, n.22, abril de 2017. p. 21 – 38.)

https://drive.google.com/file/d/184fM-QSvujosqs1rx5_JwxXtmkVOvFNC/view?usp=sharing

SEMINÁRIO POLÍTICA LACANIANA

1997/1998

Jacques-Alain Miller

TEORIA DE TURIM: SOBRE O SUJEITO ESCOLA.

21/05/2000

Jacques-Alain Miller

Contexto: 21 de maio de 2000. Por Jacques-Alain Miller, em Intervenção no 1º Congresso Científico da Scuola Lacaniana di Psicoanalisi.) Versão utilizada pelo Cartel: Opção Lacaniana online nova série – ano 7, n.21, novembro de 2016.) http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf

INTUIÇÕES MILANESAS II

22/05/2002

Publicado na Revista Opção Lacaniana online nova série. Ano 2, n. 6, novembro 2011.

Contexto: Curso de orientação lacaniana no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris VIII.

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf

O INCONSCIENTE É A POLÍTICA.**26/11/2002**

Marie-Hélène Brousse

Contexto: Conferência realizada em São Paulo em 26/11/2002. Publicado em “O inconsciente é a Política” 2ed. São Paulo: EBP, 2018

UN ESFUERZO DE POESIA**jan e mar 2003**

Jacques-Alain Miller

Publicado em “Un esfuerzo de poesia” Paidós: Buenos Aires. 2016

Tema: “O inconsciente é a política é a política”: lição 7 “Lo real y la estructura”- intervenção do Eric Laurent em 22/01/2003 e lição 13 “El discurso del amo, de 26/03/2003 - Miller retoma o tema do incs é a política.

Acesso restrito

LACAN ET LA POLITIQUE**2003**

Jacques-Alain Miller

Publicado in: Cairn.info.pdf Número 2003/4 (n.16)

<https://www.cairn.info/revue-cites-2003-4-page-105.htm>

QUESTÃO DE ESCOLA: SOBRE A GARANTIA.**21/01/2017**

Jacques-Alain Miller

Contexto: 21 de janeiro de 2017. Por Jacques-Alain Miller, na Tarde de Garantia da ECF. (Versão utilizada: Questão de Escola: proposta sobre a garantia. In: *Opção Lacaniana Online*, n.23, julho 2017)

http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/Questao_de_Escola.pdf

CONFERÊNCIA DE MADRID**13/05/2017**

Jacques-Alain Miller

Contexto: após publicação de Jorge Aleman no facebook. 13 de maio de 2017. Por Jacques Alain-Miller, conferência pronunciada no Palácio de

La Prensa de Madrid. Em espanhol, publicada em *Lacan Quotidien*, n.700 – Selección de artículos – 19 de maio de 2017). <https://www.wapol.org/es/global/Lacan-Quotidien/LQ-700-BAT.pdf>

CONVERSACIÓN NOCTURNA COM J.A. MILLER.**14 E 15 /05/2017**

Jacques-Alain Miller

Eve Miller-Rose et Daniel Roy, *Entretien nocturne avec Jacques-Alain Miller*. In: *Lacan Quotidien* 698 de maio de 2017.

<https://lacanquotidien.fr/blog/2017/05/lacan-quotidien-n-698/>

CÂNDIDO EM MILÃO.**19/05/2017**

Jacques-Alain Miller

Contexto: 19 de maio de 2017. Por Jacques Alain-Miller – em resposta à criação do partido socialista italiano, Scuola di Partito Pier Paolo Passolini, criada e dirigida por Massimo Recalcati. Publicado em *Lacan Quotidien* 701, de maio de 2017

<https://lacanquotidien.fr/blog/2017/05/lacan-quotidien-n-701>

ZADIG ENTRA NA ITALIA.**25/05/2017**

Jacques-Alain Miller

Contexto: 25 de maio de 2017. Publicado originalmente em *Lacan Quotidien* 706, de 25 de maio de 2017

<http://www.lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2017/05/Sans-titreSomB.jpeg>

ELOGIO DOS HERÉTICOS.**28/05/2017**

Jacques-Alain Miller

Contexto: 28 de maio de 2017. Por Jacques-Alain Miller no XV Congresso da Scuola Lacaniana di psicoanalisi em Turim. (Versão trabalhada no cartel: Revista Lacaniana de Psicoanálisis - *Herejes em la práctica analítica.*, EOL, año XII, n.23. octubre 2017. p. 37 – 42.)

Pode ser escutada em Radio Lacan: <https://radiolacan.com/pt/topic/989>

PERPETUAR A NINFA**30/05/2017**

Jacques Alain-Miller

Publicado em *Lacan Quotidien* 710 de 30 de maio de 2017

<http://www.eol.org.ar/biblioteca/lacancotidiano/LC-cero-710.pdf>

CAMPO FREUDIANO ANO ZERO

11/06/2017

Jacques-Alain Miller

<https://lacanquotidien.fr/blog/2017/06/lacan-quotidien-n-718/>

PONTO DE BASTA, 24/06/2017

Jacques Alain-Miller

Contexto: 24 de junho de 2017. Por Jacques Alain-Miller, em seu curso, na Escola da Causa Freudiana. (Versão original publicada em La Cause di désir n.97 – Em português, publicada na Revista Opção Lacaniana 79 - impressa – de julho de 2018. p. 23 – 38).

<https://ebp.org.br/ri/wp-content/uploads/2021/06/OP.-79-MILLER-J-A.-Ponto-de-basta.pdf>

HERESIA E ORTODOXIA, 08/07/2017 Jacques-Alain Miller

Contexto: 08 de julho de 2017. Conferência pronunciada por Jacques-Alain Miller na Accademia Torinese dell'Inatteso de Turin.

(Publicado originalmente em Mental – Revista Internacional de Psicanálise, n.36, novembro de 2017. Publicado em português na Revista **Opção Lacaniana** - Impressa - n. 78. De fevereiro de 2018. p. 36 – 46).

<https://drive.google.com/file/d/16AjTYKVYPGE2TjBEk7PMgNjg2a53d1MB/view?usp=sharing>

NOTAS SOBRE O ENSINO NA EBP (2017)

Lucíola Macêdo.

Contexto: Por Lucíola Freitas de Macêdo, a partir da discussão sobre o Ensino da EBP no âmbito do Conselho EBP-MG 2016-2017.

Acesso restrito

<https://drive.google.com/file/d/1QO85AaUoIOfpqd4MRKbRcquRU5TQtaX9/view?usp=sharing>

O BÁRBARO – TRANSTORNOS DE LINGUAGEM E SEGREGAÇÃO. 2017

Miquel Bassols - Publicado na Revista Opção Lacaniana online nova série Ano 9, n. 25 e 26 . março /julho 2018.

(Publicado originalmente em “Indagaciones psicoanalíticas sobre la segregación” Olivos: Grama Ediciones, 2017.)

http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_25/O_Barbaro_Transornos_de_linguagem_e_segregacao.pdf

DEMOCRACIAS SEM PAI, 2018

Marie-Hélène Brousse – versão em português publicada em “O inconsciente é a Política” 2ed. São Paulo:EBP, 2018. (Publicado originalmente em Lacan Quotidien 759 de janeiro de 2018).

<https://lacanquotidien.fr/blog/wp-content/uploads/2018/01/LQ-759-1.pdf>

POLÍTICA DO PASSE E IDENTIFICAÇÃO DESSEGREGATIVA.

Éric Laurent. Publicado em Opção Lacaniana impressa. N. 82. Eolia. São Paulo. 2020 (Publicada originalmente (?)

<https://drive.google.com/file/d/1k9raAsOI7fXe6em9KmU070lziWVwiw4b/view?usp=sharing>

CONVERSATION D'ACTUALITÉ AVEC L'ÉCOLE ESPAGNOLE DU C. F. 2021

Jacques-Alain Miller

Publicada originalmente na Revue La cause du désir. n.108. Paris: 2021. p. 35.

Acesso restrito

<https://drive.google.com/file/d/1JjmYZtoYeFSARosTZfcUKudX-KaQjYIt/view?usp=sharing>